

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

**Instituto de Filosofia e Ciências Humanas**

**Programa de Pós-Graduação Em História (Strictu Sensu)**



**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

A HISTORIOGRAFIA DAS INTERAÇÕES GRECO-SÍCELAS, DO SÉCULO VIII AO V: novas identidades no mundo póliade ocidental?

Marcello de Albuquerque Maranhão

PELOTAS, 2015

Marcello de Albuquerque Maranhão

A HISTORIOGRAFIA DAS INTERAÇÕES GRECO-SÍCELAS, DO SÉCULO VIII AO V: novas  
identidades no mundo póliade ocidental?

Dissertação apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em História do Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas da  
Universidade Federal de Pelotas, como  
requisito parcial à obtenção do título de  
Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Vergara Cerqueira.

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas  
Catalogação na Publicação

M311h Maranhão, Marcello de Albuquerque

A historiografia das interações greco-sícelas, do século VIII ao V : novas identidades no mundo políade ocidental? / Marcello de Albuquerque Maranhão ; Fabio Vergara Cerqueira, orientador. — Pelotas, 2015.

96 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Grécia antiga. 2. Historiografia grega. 3. Sícelos. 4. Identidade. 5. Percepção étnico-cultural. I. Cerqueira, Fabio Vergara, orient. II. Título.

CDD : 938

MARCELLO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

A HISTORIOGRAFIA DAS INTERAÇÕES GRECO-SÍCELAS, DO SÉCULO VIII AO V: novas  
identidades no mundo políade ocidental?

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em  
História, Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 23 de Abril de 2015

Banca examinadora:

.....  
Prof. Dr Fabio Vergara Cerqueira (Orientador)

Doutor em Antropologia Social (Ciência Social) pela Universidade de São Paulo

.....  
Profa. Dra Ingart Grützmann.

Doutora em Lingüística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande  
do Sul.

.....  
Profa Dra. Carolina Kesser Barcellos Dias

Doutora em Arqueologia pela Universidade de São Paulo

.....  
Prof. Dr.Francisco Marshall

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo

“Se os gregos inventaram alguma coisa, foi antes o  
historiador do que a História”.  
Schepens.

É enganoso ver uma analogia entre o debate erudito e a lei criminal. Nesta, como a condenação de um inocente é muito pior do que absolvição de um culpado, são exigidas provas para além de *dúvidas racionais*. Mas nem o saber convencional nem o debate acadêmico tem os direitos morais de um acusado. Portanto debates nestas áreas não devem ser julgados baseados em *provas*, mas simplesmente em *plausibilidade concorrente*.

Martin Bernal, *The Black Athena*.

## RESUMO

Esta dissertação discorre sobre como as relações entre os gregos e os sícelos foram representadas na historiografia grega antiga. O debate limita-se ao período de tempo entre a fundação dos primeiros povoamentos gregos na Sicília e as últimas operações atenienses naquela ilha – séculos VIII ao V AEC<sup>1</sup>. Examinamos alguns problemas da representação historiográfica além de algumas questões propostas pela Arqueologia. Abordamos os limites da utilização de fontes literárias bem como os da Arqueologia para representar a antiguidade. E debatemos o julgamento atual da historiografia do século XIX sobre a antiguidade e sobre a proposição e percepção de problemas históricos. Expomos – em caráter hipotético – o problema da construção e percepção de uma nova identidade étnico-cultural na Sicília.

Palavras-chave: Grécia Antiga, Historiografia Grega, Sícelos, Identidade, Percepção étnico-cultural

---

<sup>1</sup> AEC - Antes da Era comum / EC –Era Comum – equivalente a Antes de Cristo/Depois de Cristo.

## ABSTRACT

This paper discusses how relations between the Greeks and the sikeloi were drawn in ancient Greek historiography. The discussion is limited to the time period between the foundation of the first Greek settlements in Sicily and the latest Athenians operations on the island - the centuries VIII V BCE. We examine the problems of historiographical representation plus some questions posed by Archaeology. We also address the limits of the use of literary sources and of the Archaeology to represent antiquity. And we debate the current judgment about the historiography of the nineteenth century production about ancient times and on XIXth's proposition and perception of historical problems of that distant age . We expose - in hypothetical character - the problem of construction and perception of a new ethnocultural identity in Sicily.

## SUMÁRIO

Introdução .....	8
I – Literatura, Arqueologia: delineando usos e limites .....	12
I.1 Observações gerais sobre Historiografia Grega .....	14
I.1.1 O lugar da Historiografia na Grécia Antiga .....	22
I.2 Um pouco de Arqueologia: vasos, cemitérios, ossos e relíquias .....	30
I.2.1 Cerâmica .....	30
I.2.2 Cemitérios e enterramentos .....	31
II – As ‘Colônias’ gregas – apoikías, empórios e clerúquias .....	36
II.1 As ‘colônias’ em Tucídides.....	43
III – A Sicília Grega ou os gregos na Sicília.....	45
III.1 Os Povoamentos gregos entre os séculos VIII e V AEC .....	48
III.2 Sícelos .....	53
IV – A fundação dos povoamentos gregos e as interações Greco-Sícelas .....	59
IV.1 O Grego e O Outro .....	59
IV.2 Os povoamentos gregos ante os Sícelos .....	60
IV.3 O período intermediário - das fundações até as invasões atenienses.....	69
IV.3.1 – A expansão gelana .....	69
IV.3.2 – A revolta de Ducetius .....	71
V – As Intervenções atenienses (428-413) .....	73
V.1– No contexto da lógica da guerra contra os peloponésios .....	73
V.2 – A grande campanha de 415-413 .....	75
V.2.1 – Antecedentes .....	76
V.2.2 A Assembléia e os preparativos para a expedição .....	77
V.3 – A dinâmica da invasão e os sícelos .....	79
Conclusão .....	81
Referencial Bibliográfico .....	84
Anexo – Mapas da Sicília .....	93

## INTRODUÇÃO

O estilo deste texto – e a ideia que lhe deu forma – é bem kamikaze, mas se quisermos adaptar esta imagem mais reconhecida do *no tomorrow* ao universo grego, este texto é mais o Lêonidas de Plutarco: “Almoço aqui, jantar no Hades”. E por que motivo? Por este texto se aventurar no universo grego antigo de forma restrita, sem usar tanto sejam as fontes arqueológicas, sejam diversos tipos de fontes literárias para discutir apenas alguns textos escritos com um fundo comum que identificamos adiante<sup>2</sup>. Embora, obviamente, ambos – Arqueologia e Fontes Literárias – apareçam no texto, incorri no risco de talvez desagradar quer a arqueólogos quer a literatos, para limitar o escopo deste texto a uma dissertação, e não estendê-lo a um tratado.

Utilizo autores que foram bastante críticos, quer dos limites da Arqueologia, quer dos limites de alguns tipos de fontes literárias. Penso que estas críticas entram antes como pedidos de desculpas, explicações por não utilizar em bons números – embora ambos apareçam no interior do texto – seja uns seja outros. Gostaria que os argumentos fossem pensados antes como marcos que delimitam o terreno por onde me movo, as trilhas que percorro, bem próximas de ser *the tracks of my tears* a la Johnny Rivers.

Logo, um dos primeiros pedidos ao leitor – se é que um escritor pode pedir algo a quem já lhe concedeu atenção e um tempo que talvez ele leitor, não tenha ou o tenha de forma muito escassa – um dos primeiros pedidos ao leitor deste texto é que tenha muita paciência, pois algumas afirmações aparentemente chocantes e suicido-motivadoras são seguidas das explicações e pomadinhas para suavizar o choque logo adiante, às vezes no próprio parágrafo. Recurso estilístico talvez um tanto batido, mas que funciona para acordar o leitor e fazê-lo em sua indignação ir ao parágrafo seguinte. Ainda que ao risco de custar ao escritor uma boa dose de má-vontade da sua audiência.

Podemos dividir os textos em inúmeras categorias conforme a taxonomia ao gosto do examinador. A minha é simples: divido-os entre textos que eu leria com mais ou menos interesse. Um texto pode ser todo fechadinho, seguindo métricas e ‘rétricas’ conforme os modelos do momento,

---

<sup>2</sup> Ver pp. 23-6.

levando a uma conclusão enfadonha que poderia advir de quaisquer outras 50 linhas de argumentação diferentes (por exemplo, falar de ‘modo de produção’ genericamente quando se pede falar de ‘modo de produção Feudal’ para não se incorrer no risco de falar-se mal do que pouco se conhece). Ou um autor pode arriscar-se, com âncoras leves ou até sem elas, batalhando para sobreviver no mar bravio. Prefiro os riscos, nunca me senti vivo sem eles, e este texto ao menos intenta ser o reflexo desta escolha.

Isto tudo apenas considerando a metodologia, eterno terror/tédio dos trabalhos acadêmicos, mas como sempre pode haver algo ainda pior, nada do descrito acima se compara à normatização do trabalho científico. Verdadeiro calvário para quem se joga no campo das ideias, burocracia do pensamento acadêmico: em nenhuma hipótese descartável, mas tão agradável quanto acordar com dores abdominais no meio da madrugada: uma coisa que você só quer que passe. Morte da criatividade e do entusiasmo, deveria ser encargo de profissionais dedicados apenas a ela. Cada vez que penso em escrever um artigo, já sei que vou levar duas horas escrevendo o artigo e duas semanas na normatização! Não acredito muito em qualquer coisa de sobrenatural, mas a melhor descrição que encontro após normatizar um texto é que ele perdeu quase por completo sua alma. (Aqui, pobre de mim, é o artista lamentando ter suas asinhas cortadas, mais do que o acadêmico falando. A revolta do gênio contra a labuta diária do operário, dois perfis cuja mistura é desejável tanto ao acadêmico quanto ao artista, embora a dose diária de um e outro em cada *métier* sejam objeto de eterno debate).

Afinal, o texto...voltamos a ele. No cap. I delineio alguns limites possíveis para se operar a história das relações entre gregos e sícelos nos séculos VIII a V AEC com fontes literárias gregas – e não com todas as fontes, mas com aquelas que quiseram se notabilizar por serem investigativas, as precursoras da História. Discorro sobre os motivos de se fazer isso e inicio uma reflexão sobre o ‘deslocamento de autoridade’. Aproveito a crítica que envolve dois dos meus principais autores, Baron e Pearson. A crítica do primeiro, uma geração mais novo, ao segundo serve como modelo para perceber o confronto entre o séc. XIX EC – que para Baron, ainda orientaria Pearson escrevendo no final da década de 80 do século XX – e o próprio século XXI de Baron. Estendo as críticas para a adoção da teoria pós-colonial enquanto modelo para

percepção das relações entre dominados e dominadores. Uma discussão sobre os métodos dos principais historiadores gregos é encerrada com uma extensa descrição do método da minha principal fonte, Tucídides. Encerro este capítulo com um artigo de Shepherd para percepção da Arqueologia funerária ao se compor um quadro das relações entre gregos e sícelos.

No capítulo II, entramos no problema da natureza dos povoamentos estabelecidos pelos migrantes gregos na Sicília, estabelecendo antes a diferença entre os diversos tipos de povoamentos gregos. Procuo deixar claro porque não utilizo o termo 'colônias' embora use autores que o utilizam. Baseio-me na ideia de que eram empreendimentos com relações bem diferenciadas com a *pólis* original em relação ao que sabemos sobre 'Colônias' na acepção da palavra, aquelas da relação da Europa com os outros continentes a partir do século XV EC.

No capítulo III entramos no problema da Sicília 'Grega'. E retornamos a algumas das discussões do início ao discutirmos como essa entrada dos gregos na Sicília foi e vem sendo descrita nos séculos XIX e XXI EC e como o XXI descreveu o que o XIX disse a respeito. Começamos também a definir melhor quem seriam os sícelos e como aparecem na literatura historiográfica grega.

No capítulo IV discuto as interações Greco-sícelas. Explano como nem sempre são descritas como conflituosas e como se deram no momento das fundações dos povoamentos gregos. Uso como exemplo alguns dos principais povoamentos gregos, descritas a partir do ensaio de Benjamin (2006). A seguir há a explanação de momentos do período intermediário entre os marcos temporais deste texto: a expansão de Gela e a revolta do sícelo Ducetius. E como estes momentos foram importantes para compor a nossa visão de uma Sicília Greco-Sícela como algo mais que uma zona geográfica.

Finalmente no capítulo V há uma utilização bastante extensa da narrativa de Tucídides, responsável, como Loraux (1994) expôs, não só por muito do que sabemos sobre Atenas, mas também sobre a Grécia e sobre os próprios gregos. E mais ainda sobre como os vemos – fator mais importante ainda neste texto. Na invasão ateniense que Tucídides descreve em dois extensos livros de sua obra, a percepção da participação sícela nos conflitos gregos é um depoimento quase extemporâneo – e tanto mais revelador, por

esse motivo – de como os sícelos estavam integrados após três séculos, nas sociedades gregas e em seus conflitos. (Não resisto a uma reflexão anedótica: ora se os sícelos chegaram antes, não seriam os gregos a estarem finalmente integrados? As narrativas nos dão a impressão contrária, mas enfim são elas que analisamos e suas impressões).

Assim, se nos parece que a História Antiga sempre se nos afigurou como uma aventura, a Academia nos a deu numa forma sensacional mas também pode fazê-la parecer uma coisa bem chata. E olhem que sou daqueles que se bate pela Academia em qualquer lugar (embora cá entre nós, não penso que a Academia faça o mesmo por mim).

Embarcamos, nau quase sem rumo exceto as marcações de ritmo do tambor do orientador (e uma ou outra chicotada), para tentar singrar estas águas turbulentas que foram as das relações entre os gregos e os sícelos, grupamento étnico mais importante da ilha siciliana entre meados do século VIII e o V AEC. Pobre orientador, o qual inquirimos a qualquer hora do dia ou da noite, sem respeitar fusos horários graças a esta desgraça que é o Facebook. E que mesmo assim, desdobrou-se para nos auxiliar em nossa tarefa, ainda que tivesse outras muito mais complexas. Não gostaria jamais de trocar de lugar com ele, e penso que muitos dos que lerem este texto também não.

Esta é uma das formas que encontrei de agradecer ao meu orientador. Mas também quero agradecer aos membros da banca pelas valiosas sugestões e aos colegas da UFPel e classicistas de outras instituições pelo apoio, estímulo e troca de ideias. A fórmula é batida, mas verdadeira: os erros no texto a seguir são todos meus, e alguns acontecem apesar de inúmeros pedidos contra, pela velha questão de se manter um estilo, fútil que seja.

E assim, pensando tanto no escopo deste texto quanto no de uma vida, racionalizo que Teodora estava errada: a Púrpura não é a mais bela das mortalhas, a Liberdade é que é.

## Capítulo I – Literatura, Arqueologia: delineando usos e limites

Estudos sobre a Antiguidade Clássica apoiaram-se desde o começo num tripé formado pela Arqueologia, pela Literatura e pela História da Arte (AUDOUZE e LEROI-GHOURAN, 1981, p.173). A abordagem que adotamos para divergências entre os dois primeiros componentes é a definida por Graham (1982, p.92)<sup>3</sup>: ‘O único procedimento seguro [para as divergências] é usar as fontes literárias, embora exíguas, simplesmente porque são explícitas, e interpretar a evidência material muito mais abundante, mas inarticulada sob a diretriz das fontes literárias’. Também observado em Finley (1989, p. 97).

Quanto aos primeiros períodos históricos, a tradição oral e as lendas históricas deram origem a uma complicação extraordinária. Portanto, a questão não é simplesmente correlacionar provas arqueológicas e literárias, mas usar a arqueologia para avaliar se, e até que ponto, a literatura tem algum valor.

Isto não é, nunca foi e nem pretende ser, a velha postura XIXviana de “Arqueologia como Ciência Auxiliar da História”. É meramente um método de abordagem para períodos confusos, onde tradição, mito e relato escrito se misturam às evidências materiais, mas nos quais, ao mesmo tempo, nada consegue ser definido muito bem.

O terceiro componente, a História da Arte, nos pôs diante de problemas intrínsecos à Literatura, talvez menos controversos, mas igualmente complexos: nosso princípio básico de abordagem aos textos antigos foi o descritivo usado por Hanson (2000), um modelo de trabalho em que analisa fontes clássicas quase de modo pictórico, usando o que as descrições das narrativas antigas diziam ou ‘deixavam entrever’ quanto ao objeto que ele Hanson se propôs, a batalha antiga entre hoplitas gregos. Em nosso caso, as evidências da literatura histórica, ou historiografia grega deixada acerca dos povoamentos gregos na Sicília no período do nosso recorte.

---

<sup>3</sup> “The only safe procedure is to use first the literary sources, however exiguous, simply because they are explicit, and to interpret the much more abundant, but inarticulate, material evidence under their guidance”. Esta e outras citações em inglês: tradução nossa.

Neste texto interessa menos o que os gregos fizeram na sua relação com os povos que encontraram ao chegar na Sicília Oriental, mas antes como outros gregos representaram estes encontros em obras que hoje constituem nossas fontes literárias sobre o mundo clássico. E também algumas influências que essas representações tiveram sobre os próprios gregos e além, para a nossa época.

O Prof. Pedro Sanchez raciocina que Representação para o grego é Apresentação<sup>4</sup>. O que para nós é ‘representação’ para o grego podia não ser. A mimese grega é outra. Não é imitação. Raciocínio análogo ao que se vê em Ankersmith (2012, pp.185-194).

O conceito de Representação por si traz uma discussão importante: Para Ankersmith, Baron e Ricoeur, a própria História já é uma representação, uma mediação entre os fatos, entre quem os descreve/analisa e um público consumidor para quem o texto é feito<sup>5</sup>.

Quisemos significar ‘Representação’ neste texto como o duplo da imagem, o equivalente escrito da representação pictórica<sup>6</sup>. Redimensionamos esta concepção inicial com o uso de Ricoeur, Conte e Baron como uma ‘mediação’ entre algo representado (‘relações Greco-sícelas’) e como as coisas eram em si – a História destas relações. História que só vem a ser para nós e outros pósteros como representação a partir de percepções/versões elaboradas sobre o que aconteceu<sup>7</sup>.

---

<sup>4</sup> Observação emitida pelo Prof. Pedro Sanchez em aula e aqui reproduzida mediante sua autorização.

<sup>5</sup> Acrescento: também o público para quem o texto não é feito mas interessa-se pelo tema a partir de uma obra de maior repercussão ou simplesmente por ser um texto de um autor já conhecido pelo público. E respostas muito interessantes a um texto são produzidas por um público não “cativo” ou fora do ‘público-alvo’ (a audiência). Sartre (1975) comentou que escrevia para leitores em seu próprio país, pensando em uma tiragem de 3 mil exemplares. Mas quando se viu lido em toda a França, na Europa e “até na América do Sul”, em tiragens de 10 mil e mais exemplares, “começaram a surgir um, dois, três Sartres que eu não conhecia”. Caracterizo aqui a diferença entre Audiência e Público.

<sup>6</sup> Conceito delineado por Loraux de forma complexa, mas exaustiva acerca de Tucídides como o responsável por muito do que pensamos dos líderes atenienses, da própria Atenas e até mesmo dos gregos nos dias de hoje.

<sup>7</sup> Reflexão sobre Ranke e seu “Wie es eigentlich gewesen” nunca possível, se a História for sempre uma representação: há os fatos e há as análises com seus valores intrínsecos e adotadas por cada indivíduo, tanto os que escrevem/contam como os que são receptores dos

Então na dicotomia entre evento e relato, interessa-nos mais este último, pois embora o documento não esteja ausente da época e região consideradas, os poucos relatos que nos chegaram – todos gregos – mostram como o grego<sup>8</sup> pensava esta relação, mais do que como a mesma se dava. E é este pensamento sobre esta representação/apresentação, o objeto do nosso exame aqui.

O objetivo deste arrazoado inicial acerca de representações é esclarecer o modo como opero com minha principal fonte antiga, Tucídides. E mostrar que ele, mais que eu, tinha concepções misturando etnia e alinhamento político, que serão importantes para minha conclusão neste texto (pp. 81-3). Quando digo mostrar, não é à guisa de ‘novidade’, intento que não busco neste texto por ser uma mera dissertação, não uma tese<sup>9</sup>.

#### I.1. – Observações gerais sobre historiografia grega

O valor da Historiografia Antiga para a Historiografia Moderna pode ser sintetizado em Graham (2001, p. 6)<sup>10</sup>: “(...) a evidência arqueológica tende a demonstrar que o registro literário é em seu todo geralmente confiável”

A História enquanto método, enquanto ferramenta humana para compreender problemas humanos, tendo o humano como medida é uma criação grega<sup>11</sup> (FINLEY, 1960, p. 60). Nada do que se fez antes – fossem

---

discursos e os reproduzem de acordo com seu entendimento e seus próprios valores. Debate impossível de ser esgotado e que não cabe estender aqui.

<sup>8</sup> Sem nos aprofundarmos demais no segmento social: alguns gregos letrados das elites, etc. Seus relatos historiográficos certamente ajudaram a formar mentalidades na medida em que os elaboram sobre determinados assuntos e divulgam seu pensamento. Nesta medida, foram e são formadores de opinião assim como os que lidaram diariamente com as mesmas questões de modo prático (ex: negociar com os sícelos). Se mais, se menos, não nos cabe definir, nem é nosso intento.

<sup>9</sup> Estou bem consciente do muito que foi escrito antes de mim, aliás mais do que muitos textos que tenho lido mostram seus autores estarem. Então sempre fujo da sôfrega busca pela ‘novidade’ que embora necessária – Ciência é progressão ou não é Ciência – pode ser prejudicial a muitas conduções e conclusões textuais. No Doutorado terei de encarar a tarefa de ‘expelir’ uma novidade. Mas há maneiras de se fazer um Doutorado válido e significativo sem enveredar pelo ineditismo. Se encontrado neste texto, é acidental, pois que fujo dele e espero que a palavra ‘novidade’ não seja encontrada em parte alguma adiante. Se o for, o autor cometeu um deslize.

<sup>10</sup> “(...) archaeological evidence is marshalled to demonstrate that the literary record is on the whole thoroughly trustworthy”

<sup>11</sup> Mesmo um raciocínio cuidadoso como o de Momigliano (1977, p. 25-35; 1993, pp 23-42, mas ver com atenção a p. 37), que busca no oriente alguns componentes para a origem da História

relatos de epopeias da criação do mundo, ou relatos edificantes dos feitos dos monarcas orientais – tomou o rumo que o método grego de investigação iria tomar. Método que plantou as raízes da História disciplina moderna, recuperadas a partir de reflexões dos filo-helenos do séc. XIX EC, mas já seguindo uma tradição Classicista que vinha desde o Empirismo e talvez antes com a erudição italiana do *Seicento*. (MOMIGLIANO, 1990, pp. 54-79)

A origem da História talvez tivesse um sentimento religioso<sup>12</sup> – como tudo o mais que os gregos, e os demais povos antigos faziam – mas no mundo helênico praticamente tudo era racionalizado a partir das possibilidades e agência dos humanos, deixando os deuses numa esfera própria, embora permeando a tudo.

Embora deuses ‘estivessem’ em tudo, as explicações caminhavam até prescindir-se deles, até ao ponto em que homens pudessem compreender e até mesmo reproduzir fenômenos e possibilidades. Os gregos não mostraram conforto em repetir que os eventos se davam por que assim era a vontade dos deuses ou em interromper seus questionamentos neste ponto. Parece antes que a situação confortável para os gregos era conseguir descobrir de que modo poderiam influenciar – ou ao menos minimizar as consequências – de eventos da natureza (que não controlavam) e eventos humanos, sobre os quais demonstraram sentir ter um grau maior de controle. Ou ao menos possibilidades de controle, quando se tratava de grandes massas humanas como exércitos ou grandes empreendimentos coletivos como o Estado.

O homem de Estado, general-guerreiro da época das formações hoplíticas, compreendia que mesmo os eventos humanos – aparentemente mais fáceis de controlar do que a Natureza – quando considerados em sua magnitude (para usar uma expressão de Tucídides<sup>13</sup>) podiam envolver forças muito além do controle de um único homem. E talvez esta compreensão tenha

---

e principalmente do subgênero Biografia, termina por definir a História como a conhecemos, como tendo se originado entre os gregos.

<sup>12</sup> Inicialmente cumprindo o papel de evocação épica, em Heródoto e nunca abandonando de todo referências mitológicas, pois que o Mito constituía parte integrante da educação grega. Retornaremos a isto mais adiante.

<sup>13</sup> I, 22. Cf. também Finley (1960, p. 60). Obs: ‘Cf.’ encontramos como ‘conferir’ e ‘confrontar’. Neste texto é sempre ‘conferir’.

engendrado nos historiadores antigos – homens de Estado em exílio, em muitos casos – o projeto de simplificar a complexidade dos eventos humanos através da observação, reunião, estudo e análise desses eventos humanos.

As intenções declaradas para explicar a motivação inicial das obras dos historiadores gregos foram muitas. Não deixar que se apaguem da memória os feitos maravilhosos dos gregos e dos bárbaros<sup>14</sup> (Hdt. I. 1). Construir um patrimônio sempre útil (enquanto a natureza humana não mudar) para lidar com eventos humanos (Tud. I. 22). Compreender como os romanos no espaço de uma geração assumiram ‘o controle do mundo’ (Pol. I. 1) e dar suporte a um certo Pragmatismo existencial (Pol. I. 35). Como praticamente todo grego antigo adulto do sexo masculino, estes autores foram combatentes experimentados e pelo menos dois deles em postos de comando. E parece que escreviam para homens de Estado como eles mesmos foram. A História – e a história – era um manual orientador do homem de Estado ou uma ferramenta para a Retórica (BARON, 2013, pp. 2; 173), que por sua vez era uma ferramenta para a condução dos negócios públicos na Assembleia. A relação com a Retórica pode explicar a) alguns problemas de imprecisão descuidada que a História tinha em seus princípios e b) o efeito do maravilhoso tão presente – e buscado – em Heródoto e vários imitadores, e ao mesmo tempo tão criticado por sucessores de Heródoto e mesmo por seus admiradores.

Os métodos dos gregos antigos ao escrever relatos com pretensões históricas variavam e foram objeto de apaixonadas defesas – e ataques – entre os historiadores daquela, desta e de todas as épocas. Da superioridade da Ópsis (olhar, testemunho direto) sobre o Akoé (ouvir relatos de testemunhas) até a cultura livresca (bibliaké): de Heródoto a Timeu, passando por Tucídides. No ensaio de Schepens (2011, cap.3), esta questão é posta como uma das grandes guinadas do método histórico na antiguidade<sup>15</sup>.

Tucídides procurou deslocar Heródoto de sua posição de autoridade criticando aqueles que ‘davam crédito a relatos de segunda mão’ (I, 20) ao

---

<sup>14</sup> A expressão ‘bárbaro’ neste texto é usada na acepção grega: aquele que é um não-grego. Sem os juízos de valor inerentes à expressão, que os gregos lhe atribuíam.

<sup>15</sup> Também em Hartog (1999, p.34): “A história da historiografia ocidental pode ser descrita como um contraponto de uma história do olhar e da audição”.

invés de verificar por si mesmos, coisa que ele Tucídides alegava ter feito a maior parte do tempo ao compor sua obra. Políbio, no século II AEC, fez a mesma carga sobre Timeu para a história da Sicília <sup>16</sup>. Timeu em seu tempo, mais de 100 anos antes de Políbio, buscou – e inclusive gabou-se de ter conseguido (BARON, 2013, p. 82) – reunir o maior número possível de livros para compor certos trechos de sua obra. Para Timeu – ao contrário de Tucídides antes e Políbio depois – este se tornara o verdadeiro valor de um relato histórico, especialmente sobre tempos antigos: reunir o maior número de obras sobre o assunto, numa espécie de ‘anúncio’ da filologia comparada.

Schepens nos diz que a preocupação de Timeu em reunir obras escritas era reflexo de sua época, cujos parâmetros intelectuais eram definidos pela Biblioteca de Alexandria. Uma época em que a cultura escrita já tinha claramente substituído a oral – ao contrário da época de Heródoto e Tucídides, intermediária. Heródoto por exemplo, compôs sua obra para ser apresentada oralmente, em público. Portanto, dois séculos mais tarde, no séc. III AEC, o livro era um valor em si, superior a relatos testemunhais, porque acima das limitações trazidas pela memória humana<sup>17</sup>.

Políbio, de uma geração posterior à de Timeu, nos dá a impressão de ser da corrente majoritária se pegamos o seu relato e o de Tucídides, seu modelo. Mas o próprio Políbio declara ser da minoria metodológica em sua época, crente na superioridade da ópsis sobre o akoé, na acuidade da informação documentada, na rejeição do mito. Declara-se minoria e inclusive declara-se orgulhoso disso: “Políbio reconhece seu relativo isolamento, mas longe de lamentá-lo, ao contrário, o celebra” <sup>18</sup> (SCHEPENS, 2011, cap. 3)<sup>19</sup>. Estas noções metodológicas sobre quais os melhores tipos de fonte, propuseram um problema não encerrado ainda hoje e seguidores de cada abordagem já travavam ácido debate nos sécs. V-III AEC: o período que vai da

---

<sup>16</sup> Aproximamo-nos de nosso objeto.

<sup>17</sup> Um pouco à guisa de chiste, desenvolvi a noção de que o relato escrito foi a coisa mais próxima de um gravador da voz humana antes deste ser inventado.

<sup>18</sup> “Polybius recognizes his relative isolation, but far from lamenting it, he embraces it: his aspiration is to emulate Thucydides (...)”

<sup>19</sup> Livro formato kindle.

formação do gênero literário História até o momento em que podemos declará-lo consolidado (BARON 2013, p. 93; SCHEPENS, 2011, cap. 3).

A tentativa de ‘deslocamento’ de obras estabelecidas, para fora de suas posições de autoridade e reconhecidas como tal, parece ser uma das características mais presentes dos textos de História, não só entre os gregos como hoje, mas o era marcadamente entre os gregos. Um exemplo útil com dois autores que são cruciais para este texto: A controvérsia Pearson-Baron – BARON (2013, p. 52) reconhece dois grandes estudos sobre Timeu<sup>20</sup> em língua inglesa: Tuesdell Brown, de 1958 e Pearson (1988).

Só que para Baron, o texto de Pearson teria sido “um retrocesso” (BARON, 2013, p. 14). E prossegue referindo-se a Pearson do mesmo modo em várias partes de seu próprio texto, como que fazendo um negativo da pesquisa de Pearson. A atitude de Baron para com Pearson lembra muito a de Tucídides para com Heródoto e a de Políbio ou a de Plutarco (BARON, 2013, p. 77), para com o próprio Timeu, os quais Baron procura desautorizar na tentativa de reabilitar Timeu.

Baron faz uma desconstrução do texto de Pearson tão profunda e invectiva quanto Políbio faz com Timeu, ressaltando-se ataques pessoais que Baron evita. É como se o exame em detalhe das acusações exageradas e da polêmica pessoal dos historiadores antigos, tivessem dirigido Baron a fazer o mesmo com relação a seu antecessor. O que Baron condena em Políbio, ele Baron o faz, aparentemente de modo inconsciente, com Pearson.

O padrão do ‘deslocamento de autoridade’ ao se estudar o Classicismo nos dias de hoje, faz uma crítica ao século XIX EC, o período que estabeleceu os cânones de estudo do Classicismo atual, alguns dos métodos e mesmo temáticas ainda populares entre os classicistas e historiadores de hoje. A crítica aos filehelenos do séc. XIX – especialmente os Britânicos – tem basicamente duas vertentes: ora os reporta como sexistas, racistas,

---

<sup>20</sup> Timeu era, já na antiguidade, a mais reputada autoridade sobre os gregos ocidentais, sejam siceliotas ou italiotas, e à qual muitos escritores gregos posteriores aos sec. III AEC se referem.

imperialistas (que eram para os nossos padrões<sup>21</sup>) ora como metodologicamente deficientes ou ‘contaminados’ em virtude dessa *Weltanschauung* (coisa que nem sempre eram ou deixavam transparecer em suas obras; ou não eram mais que os historiadores de hoje, cada um e cada época com suas concepções e preconceitos)<sup>22</sup>.

Entre os gregos, no próprio nascimento da História tal operação tornou-se padrão na crítica velada – e por isso mesmo, elegante – de Tucídides a Heródoto. O texto de Tucídides como um todo seguiu o conceito de ser uma crítica, embora nem por isso perdesse sua criatividade ou deixasse de trazer propostas metodológicas para melhorar o autor criticado e o gênero/disciplina/campo do conhecimento nascente. Mais tarde vemos o padrão ‘deslocamento de autoridade’ repetir-se claramente em Políbio ao criticar Timeu, já sem a menor discrição, mas seguindo um padrão de invectivas laborais e pessoais, o mesmo padrão que o próprio Timeu usava contra seus antecessores. O que explica tal mudança de padrão na crítica, é que este seria o padrão da Escola Alexandrina do séc. III (BARON, 2013, pp. 93, 256), corrente em Atenas onde Timeu vivia e possivelmente se educara.

A ironia nisso tudo? Tucídides e Políbio, e sua legião de seguidores pós-século XIX EC, o classicista/historiador de campo, o próprio Heródoto em certa medida... todos propõem que o verdadeiro conhecimento só vem a partir da observação pessoal, mais confiável do que relatos. No entanto, o que apresentam a seu público? Relatos.

---

<sup>21</sup> Pensar que Racismo, Sexismo e Imperialismo são expressões e ideias que não dizem nada para os valores culturais da maioria das sociedades de todas as épocas, e menos ainda para os valores das sociedades antigas pode mostrar o quanto é limitante pensar nos classicistas do XIX nestes termos. Não são termos inúteis, mas dizem respeito à nossa própria época: não operam com o conceito dos próprios antigos e seus valores majoritários, que eram opostos aos nossos em muitos sentidos. Servem mais como intenção política, do que como reflexão acadêmica sobre a antiguidade ou sociedades pré-industriais. Se valores acadêmicos e políticos são indissociáveis, coisa que não concordo, ainda assim é preciso a dose certa para o momento certo. O Maio Francês e os anos acadêmicos posteriores produziram boas reflexões a esse respeito.

<sup>22</sup> Não se trata de crítica de fundo nacional ou terceiro-mundista/pós-colonial como poderíamos pensar ao ler textos que, por exemplo, criticam a noção centro-periferia em Jonathan Hall (HIRATA, 2012). Não, pois a crítica ao filo-helenismo britânico do séc. XIX EC é hoje frequente entre os próprios historiadores britânicos. Mesmo nestes últimos casos ainda pode ser uma crítica terceiro-mundista, só que feita a partir de outros *loci* e isso põe toda a diferença.

Então esse é um problema da História ainda não superado: esperamos que nossos leitores e ouvintes nos atribuam um grau maior de confiança em nosso trabalho, do que fazemos quando criticamos nossas fontes (e mais ainda quando rejeitamos o que não consideramos fontes acuradas). De certo modo estamos dizendo que nossas pesquisas são melhores do que as realizadas pelos nossos antecessores (incluindo nossas fontes) <sup>23</sup>.

Mesmo Bernal, cujo problema central não é o da objetividade histórica, toca nessa questão cada vez mais evidente (1991, p. 218).

“O perigo advém de uma falta de autoconsciência, e de estar alerta para o fato de que negar ou rejeitar certas fontes porque elas estão supostamente ‘fora de tom’ com a época, é uma operação que permite ao historiador impor qualquer padrão que deseje. Isto aumenta o elemento de história que meramente reflete a época e as preocupações do historiador. No caso do séc. XVIII, a situação foi tornada pior pela confiança dos ‘historiadores modernos’ de que eles conhecem melhor [os objetos]. Eles estão convencidos de que, ao contrário dos estudiosos de gerações passadas, *eles* [os modernos] estão escrevendo objetivamente”.<sup>24</sup> (Grifo do autor).

Não raro, o historiador/classicista/pesquisador reconhece que tem preconceitos, mas não os detalha ou o faz apenas *en passant*, e não menciona mais o assunto, voltando à carga contra seus antecessores, em tentativa de sobrelevar o próprio trabalho à custa dos demais. Tendência em nada nova, mas já presente no próprio Heródoto em relação a Hecateu, em Tucídides para com Heródoto e Políbio com Timeu, se ficarmos apenas com binários famosos da antiguidade.

---

<sup>23</sup> Neste ponto nos deparamos com a questão utilitarista de tais críticas, proposta por Baron (2013) para explicar a rejeição dos romanos (por exemplo) a grande parte da historiografia grega que não nos chegou: para que ler um texto novo sobre o mesmo assunto se já há um bom texto sobre ele? Era preciso – para ter seu trabalho reconhecido, ao menos chamar a atenção sobre ele – deslocar a autoridade de textos anteriores, mostrar que se acrescentava alguma coisa, que se fazia um relato melhor.

<sup>24</sup> “The danger arises from a lack of self-consciousness and the awareness that by neglecting or rejecting certain sources because they are supposed to be ‘out of tune’ with the age concerned, the historian can impose almost any pattern he chooses. This increases the element of history that merely reflects the age and concerns of the historian. In the case of 18<sup>th</sup> century, the situation was made worse by ‘modern’ historians’ confidence that they knew ‘better’. They were convinced that, unlike earlier scholars, *they* were writing objectively”

No século XXI no Brasil, intenta-se esse mesmo deslocamento de sentido coletivamente, não de um historiador/classicista específico em relação a outro. Mas de um modo quase inconsciente, projetamos críticas ao século XIX Britânico – também pelos motivos que falamos acima – para que sobreleve nossa própria abordagem. O sucesso disto é relativo e inconsistências sempre surgem, algumas das quais apontamos neste texto<sup>25</sup>.

Saïd (2011) traça um panorama que vai do mito à historiografia e pensa o séc. V AEC como “historiografia científica”<sup>26</sup>. Concordamos que os métodos e objetivos são o embrião da História enquanto Ciência, mas preferimos não nomear nada científico antes do séc. XIX EC, assim como o termo ‘Imperialismo’ nos parece muito deslocado para a Antiguidade, mesmo para falar de Império Romano – uso constante em textos acadêmicos como Campos (2013), que esclarece que usa o termo a partir de um conceito moderno projetado na antiguidade para dimensionar uma dada situação. Destarte, preferimos falar de Imperialismo seguindo a métrica de Lênin, que o popularizou enquanto conceito e de Hobson que o criou, um processo situado em finais do XIX EC-início do XX. Período para o qual o termo foi criado.

Não cremos que haja termo substituto. Por exemplo, os atenienses não usam – nem poderiam – a expressão ‘Império’ em parte alguma quando se referem ao conjunto das *póleis* que dominavam. Em Tucídides, a expressão traduzida como “nosso Império” nas edições brasileiras, sempre aparece no original grego como “nosso comando” “nossa autoridade” “nosso domínio” e principalmente “nossa hegemonia” (I. 75; II. 62; III. 46-47; V. 91, 97, 99; VI. 18, 82, 90; VII. 63, 75).

A denominação deve ser conforme o caso e não seguindo conceitos modernos para situações aparentemente similares que não o eram. Considerando toda a sua história, nunca ficou claro que mesmo o Império Romano tenha surgido a partir de um projeto ou um sistema como o expresso nas teorias do sec. XIX AEC. Era uma questão de dominar os vizinhos para

---

<sup>25</sup> Marcadamente a recusa em situar na própria antiguidade muitos dos preconceitos que localizamos nas abordagens britânicas, conforme já destacamos.

<sup>26</sup> Caracterizada por “Análise Crítica” e “Consciência Autoral”. Esta última em oposição ao relato mítico, de caráter coletivo e cultural.

não ser dominado, e à medida que as fronteiras se expandiam, dominava-se mais e mais vizinhos até o limite de sua capacidade administrativa/recursos. Nem parece também que os romanos tenham atrelado produção material e economia – conceito ainda incipiente na antiguidade – a um suposto projeto de dominação.

### I.1.1 O lugar da Historiografia na Grécia Antiga

Por que escolher os homens que se propuseram escrever a História da Sicília para retratar estas relações entre gregos e não-gregos na ilha? Decerto relatos literários<sup>27</sup>, poéticos, filosóficos também compõem uma teia de observações, informações e análises para o conhecimento de um período da antiguidade em um dado lugar. Nossa escolha deriva de dois problemas: a) O interesse que temos em perceber os processos de construção do gênero História – tão grego em suas origens – consoante com o objetivo de elucidar os processos históricos e sociais de uma área geográfica bem menos explorada e documentada do que a Grécia Heládica<sup>28</sup>. Especialmente quanto às interações de gregos e não-gregos, destes os sícelos, em especial. b) O fato de que o gênero História se definia por ser aquele que objetivava traduzir o Real em termos humanos, construir uma inteligibilidade humana para eventos e problemas humanos, singularidade da História em relação a outras composições escritas.

Sobre esse grupo de homens que modernamente, os últimos séculos convencionaram chamar ‘historiadores gregos’, talvez um traço comum os reúna: muitos foram os que, no mundo antigo, começaram a escrever sobre outras coisas e terminaram fazendo uma História ‘incidental’, como Aristóteles,

---

<sup>27</sup> Referimo-nos aqui a outros gêneros literários diversos do gênero ‘História’.

<sup>28</sup> Hélade, heládico – Região e gentílico; referem-se à parte do Mundo Grego considerada historicamente a matriz do restante, localizada no sul da península dos Balcãs. Dali partiram os movimentos migratórios para as demais regiões do mundo mediterrânico e euxínico. HALL (2000, pp. 6; 90-124) pensa que a chegada dos gregos na Hélade e suas migrações entre os séculos VIII e VI AEC são parte de uma mesma dinâmica, sem hiatos.

Luciano de Samosáta e o próprio Plutarco em certa medida, que para meus objetivos, trato aqui como historiador.

O que diferenciava o grupo maior de escritores que acabam fazendo investigações sobre origens para expor seus objetos, daquele seleto grupo que se dedicou apenas ao relato e análise das relações humanas, é precisamente isto: a dedicação. E um pouco mais, a concepção: eles se preparam para escrever História, definiram-na como seu objeto desde antes do seu trabalho começado, ou talvez mesmo depois que tinham reunido seu material, não importa. O que importa aqui é que o caráter da sua produção não compreendia outro intento – botânica, metafísica, comédia de costumes, etc – que não fosse investigação, relato e análise sobre relações humanas, especialmente entre estados. Nem todos foram felizes na tentativa, cito Xenofonte cuja obra carece da clareza, da objetividade e mesmo da consistência do antecessor que quis imitar, Tucídides<sup>29</sup>. E o próprio Heródoto em alguma medida foi meio inconsistente na tentativa: compreensível, pois se não foi o iniciador, foi uma espécie de pioneiro a inspirar os demais. O ‘insucesso’ de Heródoto deve-se a fama – exagerada até certo ponto – de mentiroso que adquiriu, mesmo entre seus admiradores (BARON, 2013, pp. 75-7; HARTOG, 1999, pp. 33-4, MOMIGLIANO, 1990, p. 40). Fama cujo responsável foi em grande parte, Plutarco<sup>30</sup>.

É preciso lembrar que os gêneros de escrita não estavam tão bem definidos para os gregos quanto o estão para nós. Apesar de a História – inclusive a da Sicília – já ter se consolidado enquanto gênero em meados do séc. III AEC (BARON, 2013, p. 93), vemos Estrabão gestar uma obra intitulada *Geografia* no séc. I e na qual constavam muitos apontamentos de História Local (Orografias).

Algumas das observações de Estrabão sobre história de *póleis* helênicas não são encontradas em outros textos antigos, inclusive naqueles que

---

<sup>29</sup> Tucídides critica tanto Atenas, que nos demoramos até conseguir vê-lo como ateniense, e tampouco espartano. Sua identidade fica meio perdida, e isto favorece a visão de seu texto como isento. Pelo menos até que começa a invectiva contra as lideranças do ‘partido’ popular. Xenofonte ao contrário, deixa bem claro seu laconismo.

<sup>30</sup> Da Malignidade de Heródoto, de fins do séc. I EC teria sido a obra a definir a imagem de Heródoto para as gerações futuras.

atribuíram a si o gênero 'História'. Por outro lado, Plutarco recusa o epíteto 'historiador' no séc. I EC, ao compor sua obra sobre varões ilustres de Grécia e Roma – e até da Pérsia – dizendo estar escrevendo biografias. De fato está, mas é preciso dar-lhe muito crédito neste momento humilde para não considerar vários de seus relatos nesta obra como sendo de História. Alguns deles com informações sobre personagens e eventos que não se encontra em qualquer outra obra antiga chegada aos nossos dias. Chialva (2010, pp. 154-162) aprofunda bastante o debate sobre o caráter histórico/biográfico das Vidas no interior da discussão lançada por Wiseman<sup>31</sup>. Embora se incline para ver um caráter próprio na obra de Plutarco, a qual guardaria uma distância para as biografias escritas anteriormente sem chegar a adentrar o gênero 'História'.

Finley (1989, p. 14) descartou a poesia como fonte histórica. Para o grego antigo não era assim tão simples<sup>32</sup>. A poesia homérica era o parâmetro, o marco fixo para o resgate de eventos passados, talvez mesmo o único relato que dispunham acerca de algumas épocas. Nicolai: "(...) quando se queria olhar para a história mais antiga, não se podia fazer mais do que retornar à poesia épica"<sup>33</sup>.

A poesia era escolhida pelos gregos antigos como parâmetro para compor parte da História de outras culturas e sua relação com a dos gregos em Heródoto (II. 113-117) ou como padrão comparativo em relação à importância do tema escolhido como em Tucídides (I. 3) ou como recurso para arguir sobre tempos passados (I. 5, 9, 10, 11, 13, 26; III. 104) ou ainda como recurso de oratória (II. 41). E talvez porque a poesia épica ocupasse um lugar ainda mais importante do que apenas ser o relato do passado ou ser fonte de informação, pois estas não seriam preocupações da cultura grega: ao invés, o épico cumpria um papel formador de identidade entre os gregos, fosse da

---

<sup>31</sup> WISEMAN, Timothy P. Lying Historians: Seven types of mendacity in Gill, C and Wiseman, T.P. Lies and fiction in the ancient world. Exeter, 122-146.

<sup>32</sup> Cf. p. 27, n. 38.

<sup>33</sup> "(...) when one wanted to take a look at more ancient history, one could not do more than go back to epic poetry".

coletividade, fosse do clã, da gens, da pólis (NICOLAI, 2011, cap. 1<sup>34</sup>). Ou mesmo da formação do indivíduo, para que ele fosse um grego, afinal.

Nicolai (2003, pp. 81-109; 2011, cap. 1) exemplifica as mediações do épico com a vivência grega através do Catálogo de Naus (Hom. *Il.* II), que teria servido de base para resolver algumas questões políticas e territoriais. O épico seria assim, um “documento insubstituível, espécie de arquivo histórico para consulta e por vezes, para ser interpolado ou falsificado”. A Historiografia ao ser criada seria a herdeira do épico, assim declarado na intenção original de Heródoto no prelúdio de sua obra.

A carência de material literário sobre os séculos iniciais de ocupação grega na Sicília nos permite focarmos em algumas obras. Homens como Tucídides – e também seu contemporâneo Heródoto – não ficaram conhecidos em seu tempo como ‘historiadores’ no sentido moderno da palavra apesar do termo grego *ιστορία* (usado primeiro por Heródoto no próêmio para definir sua obra) deixar poucas dúvidas sobre o que pretendiam. Foram “valorizados como grandes estilistas literários, não como historiadores” (BARON, 2013, p. 2). Contudo, Timeu já no século III não sofreu tanto este estigma, pois que o gênero se havia firmado dentro da Literatura. Mas permanece a pergunta: Por que escolher tais narradores e suas obras?

Sempre nos chamou a atenção que qualquer exame mais abrangente de Teoria da História ou de Filosofia da História começa exatamente pelos historiadores gregos. Os exemplos são inúmeros, seja em Ginzburg (2003), Le Goff (1996) ou Borges (2006) toda explicação sobre o devir da História, seus processos, suas divisões e caminhos que ela tomou, começa com os gregos. Até mesmo os problemas da História, 25 séculos depois, foram definidos por eles, como lembra Finley (1960, p. 63) falando sobre Tucídides:

As suas dificuldades tinham raízes profundas e ainda hoje constituem o problema essencial de todos os seus escritos históricos, representando a

---

<sup>34</sup> Ver nota 20.

marca d'água do seu elevado valor o fato de ter se apercebido delas tão cedo, no próprio início da historiografia <sup>35</sup>.

O exame dos problemas da História enquanto ferramenta e enquanto sistema começa por Heródoto – ou mesmo por Helânico e alguns poucos antecessores. Continua com os gregos que escreveram História até Políbio, passando por Tucídides, Xenofonte e Timeu. E ao adentrarmos no campo da biografia, passamos também por Plutarco, embora ainda mais avançado no tempo (sec. I-II EC) do que os demais autores citados. Ainda que Plutarco tenha vivido já sob o domínio de Roma e sido retratado com frequência como um grego ‘romanizado’ (SILVA, 2007, pp. 26-71).

TUCÍDIDES – Principal fonte literária entre os autores clássicos para a história dos povoamentos gregos no período do nosso recorte (GRAHAM, 1964, p. 9), Tucídides é por vezes reputado como tendo feito “História do tempo presente” (FINLEY, 1960, p. 67; MOMIGLIANO, 1990, p.41). Parece-nos que a origem dessa visão parte do procedimento de Tucídides – descrito na sua ‘Arqueologia’ (I, 1-23) – em que considera a observação dos costumes de certas regiões da Grécia que ele considera ‘atrasadas’ como úteis para se conhecer a história primitiva da Grécia (I, 5). Ao mesmo tempo ele evita ao máximo – embora nem sempre com sucesso conforme já citamos – o uso da Mitologia como fonte, preferindo a observação direta, a analogia e a inferência lógica do que depender da tradição <sup>36</sup>.

Assim, Tucídides se preocupa menos em fazer História do Presente do que em evitar que a História – próxima ou distante – seja ‘contaminada’ pelo mito, ou sequer por versões inverossímeis, ainda que não míticas. Como quando questiona relatos sobre uma batalha: “No curso desta guerra este foi o pior desastre que uma cidade helênica sofreu sozinha em tão poucos dias. *Não indico o número de mortos porque as versões são inacreditáveis em relação à importância da cidade*” (Tud. III. 113. Grifo nosso).

---

<sup>35</sup> Embora neste trecho Finley esteja sobrelevando Tucídides por ter ‘percebido’ os possíveis desdobramentos do campo que escolhera. Prefiro – sem discordar de Finley quanto à percepção de Tucídides – pensar de modo reverso: aquilo que os gregos definiram como ‘História’ seria o futuro da disciplina 25 séculos depois.

<sup>36</sup> Crítica ao método de Heródoto

Há alguns problemas em considerar História do Presente uma sequência de eventos que durou 27 anos, ainda que o narrador/historiador dela tenha participado. Tucídides quis recuperar o que ainda seria possível enquanto testemunhas e documentos estivessem ao alcance. Mas não se absteve de recuar no tempo, e embora dedicasse basicamente apenas um trecho de uma (Livro I) das oito partes em que divide sua obra, à recuperação de eventos passados, ele pensa ter explicado seu ponto<sup>37</sup>. Em outras partes da obra (VI. 2-5) também é feito um levantamento de informações em épocas remotas, sendo sempre o componente lógico da narrativa sobre os eventos presentes. Se Tucídides partia do presente para inferir o passado (I. 6), também construía a segurança do que expunha sobre o presente a partir do que conseguia confirmar no passado (VI. 2-5), mesmo que o fizesse apelando para informações colhidas na poesia (I. 3, 5, 13, 21; III. 104; VI. 2). O tipo de informação cuja utilidade Tucídides questiona em outras passagens (I. 9-11, 21; II. 41) de sua obra<sup>38</sup>.

As escolhas de Tucídides nos parecem antes derivar da atitude de alguém preocupado em evitar falar sobre o que desconhece e não tem possibilidades de conhecer, pela absoluta falta de fontes – considerando os recursos limitados de seu tempo.

Ele deliberadamente evitou versões fantasiosas, sequer citando-as<sup>39</sup>, para eventos muito recuados no tempo. E como ele próprio recorre à tradição – admite a Guerra de Tróia como verdadeira em bases homéricas (I. 3, 8, 10, 11, 12, 14; II. 68; VI. 2) – quando o evento é muito recuado no tempo, julgou que fosse melhor não se estender sobre esses assuntos. Os mitos mais antigos já estavam sob crítica há muito tempo. O próprio Heródoto, a quem se atribui (com e sem razão, conforme o caso) muito de mitomania, quando fala sobre o

<sup>37</sup> Demonstrar que o conflito entre atenienses e peloponésios foi o maior de todos até sua época (TUCÍDIDES, I. 21). Provavelmente estava errado, as Guerras Médicas da obra de Heródoto foram maiores.

<sup>38</sup> Donde se infere que a relação do historiador antigo com a poesia, por mais que buscasse o rigor como Tucídides, era de uma crítica construtiva: ao mesmo tempo em que buscava deslocar a Poesia, mesmo a Épica, de seu lugar de autoridade sobre eventos passados, via na Poesia mais uma fonte de conhecimento para confirmação daquilo que apurava sobre o passado. Cf. NICOLAI (2003).

<sup>39</sup> Ao contrário do que Heródoto fazia, dando duas ou três versões de alguns eventos para conhecimento – e maravilhamento – do público, em geral pontuando não saber se a mais fantasiosa era verdadeira. Exemplo: Árion e o Delfim (I. 23).

Egito (II. 113-120) tenta mostrar a) Que há uma versão do mito na qual Helena nunca esteve em Tróia, mas sim que foi para o Egito com Páris b) Que Homero sabia dessa versão e o demonstrou em alguns versos do Canto VI (291-292) e finalmente c) Que Homero escolheu a versão do mito que permitiria um efeito épico. (FINLEY, 1960, p. 37)

A preocupação de Tucídides é que sua História não fosse criticada desse modo. Ele começou do que lhe era mais fácil, o tempo presente, os eventos que ele mesmo testemunhara ou sobre os quais entrevistara testemunhas oculares – certamente sua *Arqueologia* foi composta por último (FINLEY, 1960, p. 57) – e criou um método para se avançar cada vez mais distante no passado. Melhor do que História do Presente seria chama-la História Retrospectiva, parte-se do que se tem, mais visível e perceptível, para ir-se recuando em direção a um passado distante. É um tratamento possível de se dar à História, um certo dinamismo, ao invés de fixa-la num tempo estático, seja o passado seja o presente.

A principal preocupação de Tucídides parece ser antes com o futuro, embora sua afirmação de fazer *συγγραψειν* conduza muitos a uma impressão de seu trabalho guiada pela declaração do próprio autor<sup>40</sup>. Tucídides parece querer definir (III. 82-83) o que no futuro seria chamado de ‘Leis de Ferro’ da Sociologia pelo weberiano Michels (1982), embora no caso de Tucídides, circunscrevendo tais axiomas ao universo da Política: Aqui em ambos os sentidos – Política significando ações políticas e o que se fazia na Pólis em seu tempo, ou ao menos, como Tucídides entendeu e descreveu o que se fazia.

Perguntamo-nos, por que esta preocupação escatológica que hoje não pensamos parte do ofício do Historiador? Parece-nos que Tucídides, ainda experimentando, nos princípios da História, na definição de um relato histórico, de como este deveria ser, tentou transformar em método a habilidade do político. E como Finley (1960), perguntamo-nos que modelos poderia Tucídides

---

<sup>40</sup> Embora isto seja perdoável, pois aqueles que conhecem o texto de Tucídides, sabem que uma de suas maiores características é querer guiar o leitor, não deixar opções ou sequer impressões de que os eventos narrados se deram de outro modo (FINLEY, 1960, 64-66). Muito mais então se crê que esse autor defina logo de saída, o caráter de sua obra.

ter usado. Arriscamos dois: a Agricultura e a Medicina <sup>41</sup>, que são atividades dedicadas a assuntos vitais e dependentes de cálculos sobre a evolução de eventos (o plantio, a colheita, a evolução de uma doença ou a cura prescrita) e o cálculo de atividades visando ao futuro, para obterem sucesso. A noção de que a Medicina tem paralelos com a História não é nova, recebe bastante destaque em Ginzburg (2003, pp. 143-179, mas lançado em 1986) quando monta sua noção de ‘paradigma indiciário’ em busca de paralelos que a história pode haver de outras ciências.

Parece-nos que a ‘História Retrospectiva’ de Tucídides – indo do presente estado de coisas para elaborar uma ‘Arqueologia do Passado’ foi feita em relação direta com a suspeição sobre as memórias dos homens. Ele não criticou Heródoto apenas pela abordagem mítica. Não, Tucídides sentia-se mais seguro para começar a partir do presente e, em seguida, procurar em comunidades indo para trás – um passo semelhante ao que a moderna Arqueologia chamou de ‘Middle-Range Theory’ (WATSON, 2008; MARANHÃO, 2013) – algumas semelhanças que levaram aos tempos mais antigos. Isso pode apontar para alguma pesquisa arqueológica feita por Tucídides – apesar de considerá-la improvável – para confirmar sua hipótese, mas não pensamos que ele indica isto em sua metodologia (I. 1-23).

Esse, porém, não é o ponto que queremos ressaltar aqui. A intenção é apresentar a obra de Tucídides – e toda a tradição que ele começou, seguida por Políbio, para citar um texto antigo de destaque, entre outros antigos e modernos – como um forte desafio à capacidade das pessoas de recolher dados de suas memórias. Em seu método sobre a apresentação de discursos essa suspeita também está presente - quando Tucídides não consegue se lembrar do que foi dito, ele tenta reproduzir as palavras ‘apropriadas’ para o momento e para o orador. E ele explica que estava falando de discursos que ouvira pessoalmente ou ouvira de outras pessoas que por sua vez teriam testemunhado os discursos.

---

<sup>41</sup> Bastante usada em sua obra, especialmente na famosa descrição da Peste em Atenas, 429 AEC. É comum (por exemplo, FINLEY, 1960, p. 60) notar em Tucídides uma aproximação com o modelo hipocrático e arriscam mesmo dizer que havia proximidade entre o historiador e o médico.

Quanto aos discursos pronunciados por diversas personalidades quando estavam prestes a desencadear a guerra ou quando já estavam engajadas nela, foi difícil recordar com precisão rigorosa os que eu mesmo ouvi ou os que me foram transmitidos por várias fontes. Tais discursos, portanto, são reproduzidos com as palavras que, no meu entendimento, os diferentes oradores deveriam ter usado, considerando os respectivos assuntos e os sentimentos mais pertinentes à ocasião em que foram pronunciados, embora ao mesmo tempo eu tenha aderido tão estritamente quanto possível ao sentido geral do que havia sido dito. (Tud. I. 22).

Portanto, temos alguns historiadores antigos para lançar dúvidas não só sobre a capacidade das pessoas de retenção na memória e uso de dados<sup>42</sup> acerca de eventos em seu próprio tempo, mas toda uma tradição da história trabalhada a partir dessa dúvida.

## I.2 – Um pouco de Arqueologia: vasos, cemitérios, ossos e relíquias

I.2.1 Cerâmica – Uma das dificuldades no trato com os vasos e representações pode ser expressa em Descoedres (2008, p. 315 n.167) *apud* Verdan (2006, p.101. n. 4): “A ligação entre os motivos pictóricos usados pelos artesãos e a realidade histórica é usualmente muito tênue e difícil de definir”<sup>43</sup>.

Pearson (1988, p. 61, n. 34) se refere a um vaso de figuras negras de Gela, onde Héracles derrotaria Sícanos. Fica o registro, embora eu não tenha encontrado imagem desse vaso e as referências de Pearson sejam outros autores e arqueólogos que escreveram sobre a Sicília. Os sícanos, sícelos e outros povos não-gregos da Sicília me parecem uma escolha pouco óbvia para os decoradores de vasos gregos. Sobre sícelos representados em vasos gregos não encontrei referência alguma.

---

<sup>42</sup> Característica que denomino ‘Recursividade’

<sup>43</sup> “The link between pictorial motifs used by craftsmen and historical reality is usually very tenuous and difficult to define.”

## I. 2.2 Cemitérios e enterramentos

Em um pequeno artigo sobre enterramentos na Sicília e Magna Grécia, SHEPHERD (2005) reflete sobre métodos de enterramento 'indígenas' nas áreas da Sicília ocupadas pelos gregos: pensa ser 'altamente provável' que povoamentos gregos 'incorporavam população indígena' (p. 115. Tradução nossa). Outra possibilidade para os enterramentos múltiplos em necrópoles gregas – além da influência sícelas – é que estes enterramentos sejam de indivíduos sícelos. (p. 118). Shepherd pensa, porém, que os enterramentos não podem ser usados como fonte confiável de identificação da população indígena ou de indivíduos particulares dentro dessas populações indígenas.

Shepherd (p. 115) resume seu artigo da seguinte forma: “A impressão geral dada pelos cemitérios da Sicília Grega é de uma adesão geral a sistemas de enterramento coerentes, os quais podem ser vistos como parte de uma tentativa de forjar uma unidade cultural independente”<sup>44</sup>. Conflui para algo que pensamos em nossa própria conclusão neste texto (pp. 81-3): a cultura da Sicília pós-chegada dos gregos foi se hibridizando e autonomizando a ponto de, talvez, tornar-se algo com uma marca identificadora própria.

É interessante a lembrança do mito de Aretusa e Alfeu como possível alusão à miscigenação entre gregos e povos da Sicília, dando suporte à ideia de que gregos e sícelos não interagem apenas como senhores e escravos, mas também como maridos e esposas ou residentes no mesmo povoamento (p. 116).

Houve recentemente algumas sugestões de que tais misturas étnicas podem ser detectadas em registros arqueológicos, especialmente no que toca à coabitação Greco-nativa. E a evidência dos enterramentos, em particular, é citada por vezes como indicativo de variação étnica nos povoamentos dos gregos ocidentais. O registro funerário da Sicília Arcaica é particularmente rico, e é revisto aqui em conjunto com alguma

---

<sup>44</sup>“The general impression given by Sicilian Greek cemeteries is one of overall subscription to coherent burial systems, which may be viewed as part of an attempt to forge a unified and independent cultural identity”.

evidência vinda da Itália para determinar sua utilidade e detectar tanto misturas de gregos e nativos quanto a mistura de gregos de origens diversas em povoamentos gregos. (...).<sup>45</sup>

A necrópole grega em Morgantina apresenta um caso interessante: “At the hellenized Sikel site of Morgantina, for example, the archaic cemetery has revealed an extraordinary mixture of Sikel and Greek burial customs, including such oddities as a ‘Greek’ sarcophagus within a traditional Sikel chamber tomb” (p. 117). A ocorrência de grupos significativos de vasos característicos de simpósios parece sugerir que havia a adoção de práticas sociais gregas em Morgantina, e não apenas a simples aquisição dos vasos.

Uma população mista de gregos e sícelos tem sido sugerida como explicação para a mistura de costumes e artefatos em Morgantina, mas Shepherd considera difícil determinar se a comunidade apresentava casamento interétnico ou se era uma comunidade sícela fortemente helenizada com membros que buscavam demonstrar isso visualmente.

As necrópoles nos povoamentos gregos parecem apresentar uma conformação diferente porque a mistura de costumes funerários é menos evidente. À parte, porém de fíbulas e outras peças de metal nativas, a interpretação estaria aberta a possíveis usos mistos. Afinal, os túmulos em si são de aparência grega. Os enterramentos múltiplos não eram desconhecidos na Grécia Arcaica, mas eram pouco usuais. Na Sicília, ao contrário, eram extremamente comuns entre as tribos não gregas (SHEPHERD, 2005, p. 118). As fíbulas estão mais presentes em túmulos associados a crianças do que a adultos – mas Shepherd nos avisa sobre o problema de fazer uma equivalência entre objetos e pessoas. No entanto, a presença das fíbulas em túmulos associados a homens adultos no oeste e na Hélade, indica que os objetos de metal encontrados nas tumbas podem significar um uso pelos gregos de

---

<sup>45</sup> “There has recently been a number of suggestions that such ethnic mixtures can be detected in the archaeological record, especially as far as Greek-native cohabitation is concerned, and in particular burial evidence is often cited as indicative of ethnic variation in the settlements of the Greek West. The funerary record of archaic Greek Sicily is particularly rich, and is reviewed here in conjunction with some evidence from Italy in order to determine its usefulness in detecting both mixtures of Greeks and indigenes in Greek settlements and Greeks of differing origins (...)”.

objetos sícelos sem a intenção de declarar afiliação étnica. E estes objetos podem também indicar um uso no cotidiano dos gregos.

Os enterramentos em necrópoles gregas da Sicília, porém, não apresentam – como os sícelos – tumbas projetadas para mais de um indivíduo na maioria dos casos, podendo ter havido reutilização em períodos próximos ou não mais que uma geração de distância entre o enterramento original e subsequentes.

O exemplo de Siracusa: a pólis-fundadora Corinto não apresentaria enterramentos múltiplos, mas cerca de 14% dos enterramentos encontrados em Siracusa até o início do séc. VI AEC seriam dessa natureza. (SHEPHERD, 2005, p.118). A maioria composta por dois esqueletos num único receptáculo embora mais esqueletos também ocorram. E também casos de *enchytrismo* (deposição dos corpos em vasos e enterramento destes).

Como as fíbulas os enterramentos múltiplos prevalecem ao longo do século VII e vão escasseando no século seguinte e Shepherd supõe que isto é uma consequência da fronteira cultural ter se tornado mais porosa (p.118). Avento a possibilidade contrária: não me parece que migrantes gregos tenham abandonado seus costumes para depois tornar a adotá-los porque os sícelos os estavam adotando. Sem descartar a elaboração de Shepherd, penso que os enterramentos múltiplos iniciais podem ter sido simplesmente uma medida contingente, como a premência de espaço nos começos do povoamento, contornada à medida que ele foi se expandido.

Outra característica dos enterramentos múltiplos em Siracusa é a associação com sarcófagos. Ao longo do séc. VII AEC os sarcófagos predominam nestes enterramentos. Shepherd (p.118) pensa que o uso destes receptáculos decorre de práticas sícelas e do desejo de demonstrar distinção social. Mas essa estratificação pode ser o resultado da estratificação da própria sociedade siracusana que se acentua naquele século.

Shepherd (p. 119) observa que em Gela e Mégara Hiblea ocorrem fenômenos semelhantes. Em Mégara os enterramentos múltiplos ultrapassam

40% do que se encontrou para os séculos VII e VI AEC. Aqui arrisco outra reflexão, baseado no dito arqueológico de que ‘a destruição é recorrente, a preservação um acidente’: é possível que materiais e localização dos enterramentos múltiplos, associados às elites, favorecessem sua sobrevivência no tempo, havendo ao contrário, menos restos de túmulos individuais de pessoas menos abastadas<sup>46</sup>. Neste período também em Mégara o sarcófago se tornou a forma predominante nos enterramentos múltiplos. A maioria consistindo em dois indivíduos dispostos em direções opostas dentro dos sarcófagos.

Em Gela, apenas 10% dos enterramentos descobertos são múltiplos, prevalecendo o sarcófago em pedra como em Mégara e Siracusa, sendo substituídos por sarcófagos de terracota na segunda metade do séc. VI AEC (SHEPHERD, p. 119).

Em Selinunte, povoamento originado já por siceliotas<sup>47</sup>, os túmulos encontrados vão na direção oposta aos descritos até aqui: sarcófagos são raridade e enterramentos múltiplos também. Na necrópole de Buffa – sécs. VII e VI AEC – apenas seis de 754 enterramentos são múltiplos. E parecem ser antes uma reutilização sem relação com o enterramento original, de acordo com as datações de objetos encontrados. No entanto, dois destes seis enterramentos – datados da primeira metade do séc. VI – são de duplas de crianças dispostas em sarcófagos em pedra. Em outra necrópole, a de

---

<sup>46</sup> Sempre uso o exemplo do Egito para este problema: os monumentos ciclópicos em pedra dão uma ideia errada do que foi aquela sociedade: túmulos, cabanas e utensílios feitos com vime, madeira, papiro e outros materiais, são menos imponentes visualmente e sobreviveram em escala muito menor – quando sobreviveram, havendo ao menos um exemplar de uma dada categoria – do que as construções das elites mais abastadas, em material mais resistente. Embora haja variações deste problema de sociedade para sociedade, região para região. O próprio Egito, pelo clima seco desértico de boa parte do país, favorecia que se preservassem alguns itens que teriam se decomposto mais rapidamente em outros locais. Ainda assim não em número comparável ao que se preservou de achados arqueológicos em material mais resistente e dimensões maiores. No Chile já foram encontradas mais de 5 mil múmias no Atacama e proximidades, mais do que em regiões mais populosas. Ter-se-ia à 1ª vista a impressão errada de que o Atacama tinha uma população maior do que áreas mais férteis. De novo, é a preservação do clima seco que aumenta a frequência do que sobreviveu, mas a ausência e o número menor de achados nos arredores não-desérticos não é mostra segura do que existiu neles. Na comparação entre as regiões podem ocorrer seríssimos erros.

<sup>47</sup> Os gregos habitantes da Sicília eram chamados pelos próprios gregos de sikeloi – Siceliotas. (Tud. III. 90, 115; V. 58; VI. 103; VII. 32, 57; VIII. 26)

Manicalunga, apenas um enterramento duplo em 357 enterramentos de um setor da necrópole e mais três duplos semelhantes em outro setor.

Neste último, o setor Gaggera, com enterramentos do séc. V AEC, há porém enterramentos múltiplos pouco usuais e mesmo o enterramento de um cavalo, além de urnas com restos cremados. Há um túmulo coletivo de grandes proporções (6 x 6) com 26 enterramentos datados de entre 475-450 AEC. Para Shepherd, portanto, a evidência indica escassos enterramentos múltiplos, de data relativamente recente. Evidenciam escassa possibilidade de influência nativa, abrindo a possibilidade de serem tumbas de guerra. Vem à nossa memória o túmulo coletivo dos 192 maratonômacos na Ática.

No caso dos enterramentos flexionados (p. 120) – onde o cadáver era disposto numa posição com membros encolhidos, não-ereto, em geral deitado sobre um lado do corpo – as influências entre gregos e sícelos parecem ter sido maiores. A frequência destes enterramentos entre gregos no oeste era ‘usual’. Embora entre centenas de enterramentos apenas poucos do tipo tenham sido encontrados, todos tem sido conectados com enterramentos sícelos ou itálicos, uma vez que tais enterramentos são comuns em câmaras tumulares sícelas e no sul da Itália nas mesmas épocas.

Na Sicília o maior grupo de enterramentos flexionados encontrado vem novamente da Necrópole sul de Mégara Hiblea: seis de cerca de 60. Embora datem de 640-500 AEC, o descobridor relata o achado de enterramento flexionado como possível indício de prática sícela. Shepherd nota (p.119) que o enterramento flexionado, porém, não é exclusivamente sícelo e estava longe de ser incomum na Hélade. Cita como exemplos enterramentos em Corinto do geométrico e do arcaico (embora ressalte que no povoamento coríntio de Siracusa não houve tais enterramentos) e também indícios na Mégara da Hélade. Então deve ser considerada a hipótese de que tais enterramentos podem ser uma prática grega incomum, sem conexão direta com os sícelos. E ressalta que mesmo que haja uma conexão, o número é reduzido para mostrar uma conexão significativa com qualquer estrato importante da população (p. 121).

## II – As ‘colônias’ gregas – apoikias, empórios e clerúquias

Nos dias de hoje, há uma certa rejeição ao uso do termo “colônia” (BARON, 2013, pp. 94, n. 15; p. 112) para descrever núcleos populacionais fundados por grupos oriundos da Hélade em regiões não-helênicas a partir do sec. VIII AEC<sup>48</sup>. A origem do termo ‘colônia’ aplicado a esses povoamentos decorreria da mentalidade colonial de acadêmicos do século XIX EC.

Com isso em mente, nos parece que o uso do termo aplica-se antes como uma **referência aos episódios de expulsão de povos não-gregos e ocupação de suas terras de moradia pelos gregos**, mas é preciso lembrar que a relação dos povoamentos gregos com os locais de onde estes migrantes partiram era mais honorífica do que ‘colonial’. Em resumo, o termo colônia serve antes para designar a relação com os povos não-helênicos do que a relação Núcleo-Fundador X novo Núcleo de Povoamento.

Em Heródoto (I. 19) há um claro exemplo de como a pólis fundadora e a fundada comportavam-se em relação a obrigações mútuas. A recusa na pólis fundadora em atacar a pólis que originou, mesmo que a pedido de um poder superior, em nada lembrando porém, o ‘Exclusivo Colonial’ do modelo do século XVI EC. No exemplo em Heródoto são os Fenícios que se recusam a atacar Cartago a pedido de Cambises, Rei da Pérsia e dos povos subordinados ao domínio persa. Graham (1964, pp. 27-8) lembra muito apropriadamente que não são *póleis* gregas, mas é a descrição de um grego a relatar os eventos.

O estopim da Guerra do Peloponeso para Tucídides foi uma série de eventos que configuravam uma disputa entre *pólis* e neopólis, Corinto e Cócira (I. 24-5, 29, 44, 48, 67). Um dos argumentos usados foi o descumprimento de obrigações honoríficas. Havia, porém, um histórico de conflito tão grande entre essas duas *póleis* que as duas levam a fama de ter travado “a mais antiga batalha naval de que se tem notícia”, em cerca de 664 AEC (Tud. I. 13).

---

<sup>48</sup> Há referências a núcleos populacionais anteriores, recuando ao século X pelo menos, na Jônia da Ásia Menor – costa ocidental da Turquia atual – (GRAHAM, 1964, p. 4) e também na Sicília até mesmo antes disso (BENJAMIN, 2006, caps. 1 e 2, livro formato kindle).

Graham elabora um longo argumento (1964, pp. 29-35) sobre a possibilidade das 'colônias' serem iniciativas de estado. Tal debate não nos parece ter muito sentido quando se trata de iniciativas de tiranos como Periandro de Corinto, pois pensamos que os tiranos tratavam os negócios de estado como negócios de família, quer na pólis originadora quer em qualquer pólis que tivessem a iniciativa de fundar. As cerimônias religiosas, porém, se encarregavam de dar um caráter cívico apropriado ao ato, e assim os laços que estas cerimônias simbolizavam e firmavam tinham continuidade mesmo após a queda da tirania.

Atenas, porém, em sua política em direção aos estreitos, já no séc. V parece ter sido outro tipo de caso. Tal política visava estender o poderio da pólis rumo a áreas de interesse. Mas isto faz com que a relação pólis fundadora-pólis originada se aproxime do 'Exclusivo Colonial' do século XVI EC? Pensamos que não, pois que as obrigações dos habitantes das neopólis neste caso reduziam-se à simaquia permanente com Atenas. É o exemplo mais próximo de relação 'colonial' num sentido moderno, entre pólis originária e neopólis.

Graham (1964, p. 5) frisa o fato de que os principais motivos para a fundação de colônias eram a) o excesso populacional e b) a demanda por terras<sup>49</sup>. E que a visão de colônias gregas fundadas "por motivos comerciais" é derivada mais do que se sabe sobre os movimentos de colonização modernos (a partir do sec. XIV EC europeu) do que sobre a realidade do mundo políade, onde as colônias seriam fundadas para serem *pólis* independentes e autossuficientes (OSBORNE, 1998, p. 251-2). Sobre contestação a motivos comerciais para as colônias, ver Graham (1964, p. 218-9) e Descoedres (2008, p. 293-4). Este último enfatiza particularmente a perspectiva da motivação comercial como sendo a do modelo europeu do XIX EC, dependente da inversão de matéria-prima das colônias em exportação de manufaturados

---

<sup>49</sup> Outros suportes a esta visão: "(...) A. Gwynn (1918), G. Glotz (1926), R.M. Cook (1946), J. Bérard (1960), H. Schaefer (1960), C. Mossé (1970), O. Murray (1980) (...) seguindo Julius Beloch que desde 1912 considerava a razão principal do movimento colonizador a superpopulação e a escassez de terra arável / follow Julius Beloch who, as early as 1912, considered the main reason of the colonization movement to be overpopulation and lack of arable land." Descoedres (2008, p. 295).

de volta. Descoudres cita vários textos do XIX EC e recentes a adotarem essa linha<sup>50</sup>.

Autores antigos também tentaram explicar o movimento migratório antigo. Por exemplo, a pletora de motivos de Sêneca para movimentos migratórios, inclusive gregos (*Ad Helviam de Consolatione/ A Hélivia: Da Consolação* 7.4):

*Nec omnibus eadem causa relinquendi quaerendique patriam fuit; alios excedia urbium suarum hostilibus armis elapsos in aliena, spoliatos suis, expulerunt; alios domestica seditio summovit; alios nimia superfl uentis populi frequentia ad exonerandas vires emisit; alios pestilentia aut frequentes terrarum hiatus aut aliqua intoleranda infelicis soli vitia eiecerunt.'*

Nem todos tinham o mesmo motivo para deixar a sua pátria e buscar uma nova: alguns foram expulsos após a destruição de suas cidades, tendo perdido os seus bens, mas escapado de seus inimigos; outros foram expulsos por guerra civil; outros ainda foram enviados para aliviar um excedente populacional grande; outros foram expulsos por uma doença infecciosa, por terremotos frequentes ou por alguma deficiência insuportável da terra estéril.

A visão platônica (Leis 709b) seguida por alguns<sup>51</sup>:

Não seria igualmente fácil para Estados conduzir povoamentos em outros casos como naqueles em que, como um enxame de abelhas, um único clã sai de uma única região e se fixa, como um amigo entre amigos, tendo ou sido extirpado por falta de espaço ou pressionado por algum outro tipo de necessidade. Às vezes também a violência da guerra civil pode compeler uma parte inteira do Estado a migrar; e numa ocasião um Estado inteiro foi exilado quando foi totalmente esmagado por um ataque ultrapoderoso.

---

<sup>50</sup> Descoudres (2008): “Curtius 1857, G. Busolt (1893). No caminho do famoso ‘comércio ante a bandeira’ de Blakeway e Os Gregos Ocidentais de Dunbabin, esta opinião tem sido novamente defendida em anos recentes /In the wake of A. Blakeway’s famous ‘trade before the flag’ (1933) and Dunbabin’s *Western Greeks* (1948), this opinion has again been advocated in recent years, notably by L.H. Jeffery, J.N.”. E ainda (DESCOUDRES, 2008, n.31): “Boardman 1999b, *passim*, esp. 162; 2001. Veja também Treister etc etc para mais referências / See also Treister 1996, 146 with n. 698; Bernstein 2004, 17 n. 17 for further references”.

<sup>51</sup> HOLLOWAY (1981, pp. 146-9), SNODGRASS (1994, p. 2), TSETSKHLADZE (1994, pp. 122-6), BERNSTEIN (2004, p. 224)

Autores modernos como Descouedres (2008, p. 361), usando extensa base arqueológica para diversos sítios do início do Período Arcaico (pp. 349-56) descartam comércio de metais ou escassez de produtos agrícolas para a população na época do auge da ‘colonização’ – ao menos para a Grécia Central.

Não há evidência de qualquer tipo que sugira que as ‘colônias’ na Sicília e no Sul da Itália, fundadas no Geométrico e no Arcaico inicial provesses suas cidades-mãe com quaisquer tipos de produtos, e há ainda menos evidência que sugira que a prosperidade – ou, na verdade sobrevivência – da terra natal dependesse de tais suprimentos.<sup>52</sup>

E Descouedres contesta (pp. 361-2) a evidência literária em Antíoco (FGrHist 555 F9), Estrabão (VI. 1.6), Heródoto (IV. 151), Plutarco (Moralia. 772C) e que declaram várias neopóleis terem sido fundadas em decorrência desses motivos. O argumento é um pouco estranho de que “Atenas, a qual é dita ter sofrido um prolongado ou vários períodos de estiagem severa, é precisamente a única grande *pólis* que não participou do movimento colonizatório inicial”<sup>53</sup>. O estranho no movimento migratório ‘inicial’ em começos do século VIII AEC, nos parece que seja a ausência de Atenas neste movimento. Algo que é ainda mais estranho é que Eubéia, distante meros 10 km de Atenas por mar é uma das mais prolíficas criadoras de neopóleis, tendo criado mais de 10 delas no período 750-729 AEC. Fica a hipótese – nossa – de Atenas ‘terceirizar’ sua colonização através da Eubéia. O que não impediria a *pólis* ateniense de ser vista como um intruso na Sicília quando tentou dominá-la no fim do século V AEC. Eubéia é considerada mais rica que Atenas neste período, mas este argumento ao invés de enfraquecer nossa hipótese, reforça-a: Eubéia tinha a riqueza necessária para o empreendimento migratório: construção de barcos. Atenas tinha um excedente populacional de pobres. Há

---

<sup>52</sup> “There is no evidence of any kind to suggest that the ‘colonies’ in Sicily and southern Italy, founded in the Geometric and early Archaic periods, were providing their mother cities with any goods at all, and even less to suggest that the motherland’s prosperity—or, indeed, survival—depended on such supplies.”

<sup>53</sup> “Athens which is said to have suffered from one prolonged drought or several periods of drought is precisely the one major *pólis* in Central Greece that did not participate in the early colonization movement”.

uma sugestão de acordo entre ambas, pois é difícil crer que uma população tão próxima ignorasse ou não tivesse envolvimento com um empreendimento dessa natureza e magnitude ali ao seu alcance.

Descoedres ainda observa (p. 362) sobre Eubéia, que: a) Após uma geração criando várias colônias, se a estiagem fosse o maior fator, seria estranho o movimento migratório ter abruptamente parado, como se não houvessem novos períodos de estiagem e b) A uma distância tão pequena de Atenas seria difícil não ter sido afetada pelas mesmas secas citadas nos textos antigos. Confirmada nossa hipótese de ‘terceirização’ esta última aparente incongruência pode ser descartada. Mas a intenção de Descoedres é descartar o desastre climático como ‘raiz do movimento migratório’. Não o descartaria de todo, mas o colocaria como uma das causas, sem relevar demais sua importância.

Descoedres (pp. 363-4) conclui pelo processo concomitante de formação da pólis e expansão migratória, ou seja, causas político-legais, levando os indivíduos ‘descidadanizados’ a tentarem a sorte no além-mar.

Em Graham (1964, p. 225) encontramos observações retiradas de decretos fundacionais que poderiam sugerir a fundação de neopólis não ser mero descarte – um cuidado maior com o sucesso da expedição – por exemplo, no decreto de Thera para fundação de Cirene, faz-se questão que cada família forneça um indivíduo ‘na flor de seus anos’ (τούς ἔβῶντας).

A mistura entre os termos apoikía e colônia, começou ainda nos tempos do Império Romano chegando aos dias atuais como nos esclarece Descoedres (2008, pp. 291-292). Apesar da extensão do trecho vale à pena citá-lo todo:

Autores latinos já traduziam o termo ‘apoikía’ como *colônia* (Cícero *De republica* II. 4.9, por exemplo), assim implicitamente igualando o movimento de expansão grega (do período arcaico, bem como épocas posteriores) com o estabelecimento de colônias de cidadãos romanos pelo Senado, fosse por motivos militares, econômicos ou políticos. Este exemplo foi seguido por humanistas como Lorenzo della Valle (1407-1457) em suas traduções

latinas de autores gregos. O contrário não parece ter ocorrido: autores gregos do período romano não traduziram ‘*colonia*’ em *apoikia*, mas simplesmente transliteraram o termo como kolonia. Em consequência, ele foi adotado pela maioria dos idiomas ocidentais. No Francês tão cedo quanto o século XIV e no Alemão não antes do século XVI – possivelmente seguindo traduções da Bíblia, como tem sido sugerido pelas traduções inglesas. Embora a ‘inadequação’ do termo latino para designar o estabelecimento de *apoikies* no Período Arcaico tenha sido apontada algum tempo atrás, não foi até anos relativamente recentes que a gravidade do problema tornou-se aparente. E começa-se a compreender que a confusão terminológica poderia constituir um sério empecilho à nossa compreensão do que devemos continuar a chamar de movimento colonizatório grego<sup>54</sup>.

Uma observação importante para esclarecer a confusão terminológica, é que as ‘colônias’ romanas, quase não mereceriam estas aspas, assemelhando-se mais às colônias europeias do séc. XV AEC em diante por serem projetos do Estado com uma estrutura menos ‘solta’. A ideia era aumentar a presença de romanos nas áreas conquistadas e diminuir a quantidade de pobres vivendo na Urbe. Este padrão pode ser notado claramente em Tito Lívio, na própria conquista do Lácio, quando a cada cidade inimiga tomada, os romanos mandavam parte de sua população para lá e traziam de lá, parte da população conquistada e não apenas como escravos, mas para viver na Urbe. Se é diferente dos povoamentos estabelecidos pelos gregos além-mar por estes serem mais ‘soltos’ das decisões da pólis-fundadora, não chega a constituir a relação do Exclusivo Colonial, com a obrigação de produção para provimento da ‘metrópole’ romana, como as colônias da Idade Moderna em diante o eram.

---

<sup>54</sup> “Latin authors had already translated the term *apoikía* as *colonia* (Cicero *De republica* 2. 4. 9, for example), thus implicitly equating the Greek expansion movement (of the Archaic as well as later periods) with the establishment of settlements of Roman citizens by the senate, be it for military, economic, or political reasons. Their example was followed by humanists such as Lorenzo della Valle (1407–1457) in their Latin translations of the Greek authors. The reverse does not appear to have occurred: Greek authors of the Roman period did not translate *colonia* into *αποικία*, but simply transliterated the term as *κολόνια*. Subsequently, it was adopted by most Western languages, in French as early as the 14th century, in German not before the 16th century—possibly in the wake of Bible translations, as has been suggested for its English counterpart. Although the ‘inadequacy’ of the Latin term to designate the establishment of *apoikies* in the Archaic period has been pointed out some time ago, it was not until relatively recent times that the gravity of the problem became apparent and that one began to realise that the terminological confusion could constitute a serious impediment to our understanding of what we shall continue to call the Greek colonization movement.”

Finalmente, Benjamin contribui com mais uma observação referente à Sicília:

Naqueles tempos, no entanto, os colonos na Sicília podiam definir suas diferenças para com os gregos das terras de origem. Na Sicília cada homem tinha mais espaço que seus congêneres da antiga pátria, e ele estava produzindo mais alimentos. Sentia-se mais rico e era menos ligado à tradição<sup>55</sup>. A partir disso, podemos dividir as “colônias” gregas em três tipos: αποικία (apoikía) εμπόριον (empóriou) e κληρουχία (klerúquia), dos quais apenas o 1º tipo corresponde ao que examinamos neste texto<sup>56</sup>.

Apesar do grande movimento de fundação de αποικίες a partir do séc. VIII AEC, a maior parte do que sabe sobre as relações entre pólis fundadora & neopólis gregas em geral – não só as da Sicília – é composto de relatos e epigrafia datados do séc. V AEC (GRAHAM, 1990, p. 9). O que não significa que não haja restos materiais e relatos literários anteriores ou posteriores em profusão sobre neopólis. Graham se refere aqui a relações institucionais entre pólis de origem e pólis resultante.

Restos materiais recuperados inspiram cautela quanto às suas interpretações em qualquer situação (FINLEY, 1989, pp. 93, 95), mas um cuidado ainda mais especial no tratamento do problema da relação pólis-apoikía. Graham (1964, p. 13) frisa que encontrar cerâmica coríntia em Siracusa não significa uma relação especial entre Corinto e sua apoikía de Siracusa, pois “(...) a cerâmica Coríntia é dominante em todos os mercados do Oeste [grego]”<sup>57</sup>.

---

<sup>55</sup> “By then though the settlers in Sicily could define their differences from the Greeks in the homelands. In Sicily each man had more space than his counterparts in the old country, and he was producing more food. He felt richer and he was less tied to tradition”.

<sup>56</sup> A κληρουχία é de um período um pouco posterior (segunda metade do século V) em relação às colônias de fundação mais antiga (αποικία) – que nos interessam – e além disso, as κληρουχιαi eram um tipo particular, associado a cultura ateniense. O εμπόριον tem um caráter mais voltado para o comércio, sem as características próprias da αποικία, como núcleo populacional de migrantes fixos. (GRAHAM, 1964, p. 4-5 que cita GWYNN, JHS xxxviii 1918, 88 ff; ROEBUCK, CP xlvi, 1951, p.219 n.22).

<sup>57</sup> “Corinthian pottering is dominating at all markets in the West (...)”.

Graham lembra que apesar da cerâmica ser dominante entre os restos materiais, moedas também constituem fontes importantes, mas “A objetividade da evidência arqueológica é muitas vezes prejudicada pelos limites de sua aplicação e dificuldades de interpretação”<sup>58</sup>. As moedas apresentam problema semelhante. Em uma discussão sobre o status legal e de dependência entre Corinto e suas ‘colônias’, Graham (1964, p. 121) afirma que a moeda coríntia – Pegasus – era usada largamente em toda a Sicília e Magna Grécia, mas por motivos puramente comerciais. Assim, as neopóleis coríntias na Sicília que usavam as moedas coríntias não tinham obrigatoriamente o status de parte do que alguns chamam de ‘Império Colonial Coríntio’ (GRAHAM, 1964, pp.12, 118-153). Nem tal uso significava que os habitantes de Corinto e das ‘colônias’ gozassem os mesmos direitos legais. Graham afirma também (1990, p. 212): “Através da história da cunhagem [de moedas] grega, mas especialmente em seus princípios, não era incomum que as moedas de uma cidade fossem usadas por outras”<sup>59</sup>.

## II. 1 – As ‘colônias’ em Tucídides

Tucídides é considerado “um dos mais completos relatos sobre os primeiros tempos de colônias gregas em qualquer região”, e ainda “um dos melhores relatos escritos sobreviventes sobre as relações entre *póleis* fundadoras e apoikíes” (GRAHAM, 1964, p. 9). Embora não fique claro que meios Tucídides usou para auferir suas informações, acredita-se que ele baseou-se em autores anteriores, principalmente Antíoco (PEARSON, pp. ix, 9, 14-5). GRAHAM (1964, p. 9) acrescenta que Tucídides sempre diz algo sobre as origens das colônias que cita, não só as do Livro VI de sua obra – onde enumera as origens das apoikíes sicilianas – como também das apoikíes que cita de passagem durante sua narrativa. Desde os estudos mais incipientes sobre a antiguidade ainda no século XVIII, Tucídides já era reconhecido como a principal fonte antiga sobre as colônias gregas (SYMONDS, 1778, p. 35).

---

<sup>58</sup> “The directness of the archaeological evidence is often offset by its limited application and by difficulties of interpretation”

<sup>59</sup> “Throughout the history of Greek coinage, but especially in early times, it was not uncommon for the coins of one city to be used by others.”

Em Tucídides nota-se claramente um padrão de alinhamento e aliança política entre as *póleis* fundadoras e suas antigas apoikíes (Tud. VII. 57; Graham, 1964, p.10). Para Graham “(...) revela a importância que Tucídides atribuía às origens e sua visão de que estas normalmente determinavam os alinhamentos na Guerra”<sup>60</sup>. Esse padrão existe em outras áreas de ocupação grega que Tucídides observa, e é um padrão ainda mais facilmente reconhecível na descrição tucididiana sobre os conflitos na Sicília derivados da guerra entre Atenas e Esparta e respectivas simaquiias Confederação de Delos e Liga do Peloponeso.

Uma indagação corrente entre estudiosos pelo menos desde a década de 30 do século XX era se a relação pólis-apoikía (ou pólis-klerúkia no caso ateniense) não era exagerada (GRAHAM, 1964, p. 11, n.2, citando Jacoby, Nilsson, Sakelariou, Willamowitz). Poderia ser apenas propaganda política ou podia ser realmente uma visão substanciada (GRAHAM 1964, p. 11. n. 2 citando Berárd, Cook, Roebuck). Assim, uma segunda indagação dizia respeito à importância que Tucídides dava a esta relação, pois seu relato poderia estar de alguma forma influenciado por um ‘modismo político’ do período em que escrevia<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup> “(...) reveals the importance Thucydides set on origins, and his view that these should normally determine alignments in war”.

<sup>61</sup> Modismo não inocente, mas corroborador da Liga de Delos e da hegemonia ateniense (GRAHAM, p. 11, n.2 citando Nilson, Sakellariou, Will em apoio desta visão).

### III – A Sicília Grega ou os gregos na Sicília

“Os colonos gregos teriam sido o primeiro povo a construir na Sicília em pedra.” (BENJAMIN, 2006, cap. 2).

O problema do estudo da Grécia Ocidental e dos povos gregos que viviam a oeste dos Bálcãs – ou a Leste, o problema era estar fora da Hélade – decorre de uma visão persistente de Centro-Periferia em relação a estas áreas. Visão que muito contribuiu para defasar os estudos sobre a Sicília Grega em relação a aos estudos das comunidades gregas da Hélade <sup>62</sup>. Como em tantas outras dimensões da antiguidade, pode-se pensar que essa visão hierárquica começou com o Filo-helenismo do séc. XIX EC, especialmente o britânico e se estendeu até o século XXI como Hirata (2012) diz sobre o texto de Hall (2000)

<sup>63</sup>.

Pensamos que os supostos preconceitos britânicos apesar de existirem, foram não só orientados pela leitura dos próprios antigos, como começaram com eles, especialmente os próprios gregos. Ou seja, o que é visto como preconceitos britânicos do XIX EC ao XXI pode ser a simples leitura dos preconceitos presentes nos textos gregos, onde, por exemplo, noções de centro-periferia eram muito claras para identificar a Grécia Heládica, matriz das apoiikíes e demais povoamentos que seriam, para os próprios gregos, a periferia do mundo grego, onde os eventos políticos, ao menos, assumiriam graus de menor importância. Obviamente que esta leitura variou entre os próprios gregos tanto em época quanto em lugar.

---

<sup>62</sup> O filo-helenismo do século XIX EC e sua febre de pesquisas sobre Grécia entre Ingleses e Alemães – os criadores da moderna tradição de Estudos Clássicos – até o 1º terço do século XX privilegiou as áreas da Hélade ou Grécia Balcânica, Grécia Continental, que virou sinônimo e epítome do Mundo Grego. Hoje em dia, e já desde a década de 50 do século XX as pesquisas sobre antiguidades gregas e romanas em áreas do mundo mediterrânico fora da Grécia são conduzidas como ‘passados nacionais’ seja na Itália, seja na Espanha, por exemplo. Missões estrangeiras, como inglesas, francesas, alemãs e americanas são muito mais comuns em Atenas e Roma com estudos dedicados às respectivas áreas de ‘estudos gregos e romanos’ do que em regiões e países que também tiveram importante presença de povoamentos gregos. Mas há exceções: tanto há na Sicília a Escola Britânica quanto na Turquia atual os alemães desenvolveram importantes estudos. Mais como eco distante dos estudos filo-helenistas e ainda assim são escolas importantes em áreas ‘não-originais’ ou ‘periféricas’ do mundo grego.

<sup>63</sup> No que discordamos. A interpretação de Hirata (2012, p.156-7) desconsidera exatamente nossa proposição a seguir.

Pearson (1988, p. 143) frisa que assuntos da Sicília e Magna Grécia dificilmente eram considerados assuntos centrais do Mundo Grego pelos próprios gregos, até o marco que foi o Congresso Helênico em 480, quando se discutiu a cooperação entre gregos da Sicília e da Grécia Continental (Heládica) contra a invasão persa. E no próprio Congresso, os espartanos manifestam explicitamente desprezo a renunciar a sua liderança da simaquia anti-persa para Gélon que nem ao menos era da Hélade, ou seja, mais um reforço das noções centro-periferia que já existiam naquela época (Hdt. VII. 145, 153, 157-63). Ainda segundo Pearson (1988, p. 143) ao fim do século V AEC, o próprio Tucídides não considerava nenhum material precedente (Antíoco, principalmente) como suficiente ou digno de ser levado em consideração em seu relato. Ainda no século III AEC a crítica que Políbio faz a Timeu no famoso Livro XII<sup>64</sup>, sustenta-se nestas bases: Timeu estaria – para Políbio – aumentando em demasia a importância dos eventos do mundo siceliota, sobrelevando demais seus líderes, seus conquistas culturais, seus filósofos, etc. E Políbio sobreviveu desde a antiguidade como versão *mainstream* enquanto Timeu foi progressivamente sendo reduzido em importância. O preconceito Centro-Periferia Hélade-Sicília teve em Políbio um dos seus esteios.

Discordamos um pouco de Pearson sobre Tucídides em relação a materiais precedentes. Ao reconstruir a história dos primitivos tempos do povoamento grego na Sicília, Tucídides está em busca de apresentar a ilha à sua audiência – vide a famosa crítica tucidiana feita à reunião da Assembléia que decidiu pela invasão da ilha, dizendo que os atenienses desconheciam por completo quer o tamanho da ilha, o de Siracusa, *hegemón* da ilha, ou o número de seus habitantes<sup>65</sup>. No entanto, pouco após (VI. 20), num discurso de Nícias, Tucídides põe uma descrição da Sicília e de suas principais forças, especialmente das que se esperava oposição aos atenienses. Não é certo que

---

<sup>64</sup> XII. 3-15, 23. Há mais de 30 passagens em Políbio atacando a obra e a pessoa de Timeu, quase todas no livro XII. Destacáramos também VIII. 12.

<sup>65</sup> Tucídides, VI. 1. Crítica refutada por Grote (1862, vol V, p. 317, n.3), destacada em Finley (1988, pp.55-90. Mais especificamente 55-6) e Pearson, 1988, p. 142. Interessante notar que Tucídides fala sobre o número de habitantes da Sicília que os atenienses teriam que enfrentar, não o número de forças militares. Na mentalidade grega não havia essa demarcação clara. O hoplita ou o remador das naus eram o cidadão armado em defesa da sua comunidade.

Tucídides tenha “desprezado relatos anteriores sobre a Sicília” (PEARSON, 1988, p. 143) ou que tenha rejeitado Antíoco. É provável também, que estes relatos pouco circulavam na época de Tucídides<sup>66</sup>. Pearson pensa que mais tarde Éforo fez uma pesquisa mais completa, na qual Timeu se baseou<sup>67</sup>.

A Sicília teve nos gregos uma das primeiras culturas hegemônicas, que se seguiria a muitas outras em milhares de anos da história da ilha. Este domínio grego sobre a ilha durou cerca de 500 anos, até a chegada dos romanos na primeira Guerra Púnica, na segunda metade do séc. III. Inicialmente, os gregos chamavam a ilha de Trinacria, ‘ilha de três pontas’ (Diod. V.2; Hom. Od. XII. 127; BARON, 2013, pp. 57, 109; BENJAMIN, 2006, cap. 1; PEARSON, 1988, p. 57). Posteriormente chamada de Sicânia, graças aos sícanos que lá teriam chegado antes dos sícelos e só então, com a chegada destes últimos, Sicília. (Diod. V.2; PEARSON, 1988, p. 57).

Uma diferença humana notável entre a Sicília Grega e a Grécia Balcânica é a presença do βάρβαρος na Sicília. Ali, a configuração era outra e a relação do grego com o bárbaro era possivelmente, muito mais próxima. Ali, o Bárbaro não era alguém que estava do outro lado do Egeu, à espreita, arquitetando, emprestando somas às cidades para se digladiarem umas às outras. Não, na Sicília, o bárbaro era parte do território do povoamento grego. Se pensarmos esse território como neopólis, o bárbaro era parte da *khóra*. Estava lá, e estava nas montanhas que circundavam a pólis. Era um aliado potencial, podia ser um parente, mas quando era inimigo, não era um inimigo nas vizinhanças ou nas fronteiras embora também lá estivesse. Era o inimigo interno, no próprio território da pólis.

Berger (1992, p. 107) considerou que “a *pólis* nunca se desenvolveu completamente na Sicília”, tanto por ter sido governada por tiranos a maior parte do tempo como pelas suas guerras endêmicas entre si e contra o *barbaro*. Uma prova disso seria o relato em Heródoto (VII. 157-172), mas

---

<sup>66</sup> Assim como hoje, muitos pesquisadores se beneficiam da descoberta ou da circulação maior de textos de épocas anteriores que estavam perdidos ou esquecidos.

<sup>67</sup> Diferenças de objeto e perspectiva: Tucídides vê a Sicília como o episódio central da queda dos Atenienses, sendo esta queda o objeto de sua obra. Timeu centraliza seu relato na História da Sicília. Era muito mais interessante para Timeu considerar como úteis – senão válidos – os relatos existentes do que Tucídides, famoso pela cautela com que trata suas fontes.

também em Éforo, Timeu e Políbio (BARON, 2013, p.112, n.104; PEARSON, 1988, p.133) sobre o Congresso Helênico para discutir a resistência contra a invasão persa de 480, citado acima. Enquanto a defesa de Grécia Heládica contra o Persa era organizada por um grupo de *póleis* independentes, governadas por grupos de cidadãos vivendo em aristocracias e democracias, a Sicília Grega também se preparava para conter a invasão cartaginesa. Só que o organizador de sua defesa era Gélon, um *autokratór* com poderes de soberano que dominou a parte grega da ilha.

### III.1 – Os povoamentos gregos entre os séculos VIII e V AEC

Pearson (1988, p. 64) descreve o papel do mito como reforço/justificativa do povoamento grego, e até mesmo da projeção de futuros povoamentos, de lugares não ocupados, mas desejados. O mito não atuava como “pretexto junto aos povos conquistados”, mas antes como reforço da própria empreitada dos gregos. As religiões atuam no sentido de dar mais força a uma empresa difícil ou no sentido de dar estímulo mental a se repetir no presente feitos passados. Até os romanos podem ter se aproveitado das *ktéseis* – mitos fundacionais – sobre povoamentos na Sardenha, pois tinham prometido “proteger os gregos contra os cartagineses”, e os edifícios nurágicos/nuraghi estavam lá (PEARSON, 1988, p. 67, n.57).



Figura 1 - Nuraghi Ruju, Chiaramonti

Hall (2008, p. 392) em artigo sobre as *ktéseis* dos povoamentos gregos na Magna Grécia e Sicília, apresenta tabela interessante sobre os dados literários acerca dos mitos fundacionais (v. p. 52). Antes de discutirmos os dados, usamos o raciocínio de Hall (p. 387) sobre as abordagens modernas em relação aos mitos fundacionais:

Histórico-positivistas interpretam-nos [os mitos] para indicar que havia procedimentos convencionais, ritualmente sancionados, que eram regularmente seguidos ao se fundar povoamentos além-mar. Poeticistas, ao contrário, consideram os padrões serem devidos ao formato do gênero ‘ktético’ [relativo às *ktéseis*, mitos fundacionais] – em outras palavras, ao delineamento da tradição histórica mais que a eventos históricos genuínos *per se*. Histórico-construtivistas, por outro lado, estão mais inclinados a considerar estes padrões uma miragem da historiografia moderna.<sup>68</sup>

Não estou certo sobre querer me enquadrar proposadamente em alguma dessas correntes, mas como não estamos considerando a evidência arqueológica com um peso maior neste texto, ficamos próximos aos poeticistas quando buscam definir padrões a partir dos registros presentes nos textos literários. É uma abordagem utilizada menos para estabelecer uma verdade textual Rankeana ou um Positivismo/Falácia Arqueológicas (SNODGRASS, 1983, pp. 142–6; 1987, pp. 37–8) sobre as fundações dos povoamentos em tela, do que para evidenciar o que os registros literários queriam deixar acerca das *ktéseis*. Ou no dizer de Hall (2008, p. 388): “Estou em grande parte interessado (...) nem tanto na congruência entre histórias fundacionais e realidades históricas, mas antes com tentar prover uma caracterização mais balanceada e representativa das tradições literárias sobreviventes”<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> “Historical-positivists interpret these to indicate that there were conventional, ritually sanctioned procedures that were regularly followed in establishing a settlement overseas. Poeticists consider the patterns to be due instead to the format of the *ktisis* genre—in other words, to the shaping of historical tradition rather than genuine historical events *per se*. Historical-constructivists, on the other hand, may be more inclined to regard these patterns as a mirage of modern historiography”.

<sup>69</sup> “I am largely concerned (...) not so much with the congruence between foundation stories and historical actualities but with attempting to provide a more balanced and representative characterization of the extant literary traditions”

O uso do termo ‘stories’ por Hall ao longo de todo o texto parece menos enfático do que o termo ‘myth’ que entra sempre como possibilidade mais do que certeza – não estarmos certos se é um mito em vários casos – pelo fato de que os registros literários sobreviventes são em sua maioria relatos dos séculos V e IV AEC, distantes do auge do movimento migratório grego em terras sicilianas e da Magna Grécia. O arrazoado de HALL (p. 394) nos parece útil:

Considerar que tradições literárias preservam a verdade histórica das origens de uma colônia enquanto simultaneamente definem distinções arbitrárias, que os autores antigos se recusaram a fazer, entre relatos mais ou menos críveis é, eu sugiro, insustentável do ponto de vista metodológico e arrisca mal-entendidos sobre o propósito das histórias fundacionais.

Isto não quer dizer que não possa haver congruência entre realidade histórica e um dado relato fundacional, mas sim que o testemunho literário por si só – especialmente em casos onde variantes da tradição aparecem – não deve ser forçado a se conformar a modernas noções ‘comum-sensicas’ [Commonsensical – Neologismo. Hall brinca com a noção de ‘senso comum’ de forma elegante, poderíamos traduzir por ‘consensuais’ ao risco de perder o que ele quis expressar: apenas para nos alinharmos a correntes do momento]<sup>70</sup>.

E ainda (p. 411):

Isto não falseia necessariamente a informação que é dada por relatos fundacionais literários: ‘lembranças’ posteriores não são sempre ficção inventada. Mas já que aquilo que é lembrado ou relembado em tradições orais de vários séculos de duração tem mais a ver com circunstâncias justificantes no presente do que com preservar um relato acurado do passado, tentativas de reconstruir as origens de uma cidade a partir de

---

<sup>70</sup> “To maintain that literary traditions preserve the historical truth of a colony’s origins while simultaneously drawing arbitrary distinctions that ancient authors refused to make between more and less credible accounts is, I would suggest, untenable from a methodological point of view and risks misunderstanding the purpose of foundation stories.

This is not to say that there can never be a congruence between historical actuality and a particular foundation account, but rather that the literary testimonia on their own — especially in cases where variant traditions appear — should not be forced to conform to modern ‘commonsensical’ notions.”

relatos fundacionais podem apenas deixar uma versão dos eventos que gerações posteriores de colonizadores quiseram comunicar. Isto pode ou não seguir eventos históricos <sup>71</sup>.

Uma observação interessante de Hall (p. 390-1; 398-9) é que as fontes literárias entram em desacordo muito mais para os povoamentos gregos na Magna Grécia do que na Sicília. Nas quatro variáveis da tabela citada (Data da fundação, origem dos migrantes, oicista(s), outras informações), as fontes literárias divergem mais para os povoamentos na Magna Grécia do que na Sicília. Porém, sobre isso HALL (p. 402) é taxativo: o problema tucididiano.

Tal variabilidade é mais visível no caso de colônias da Itália continental, e provavelmente uma consequência do fato de que Tucídides – cujas credenciais como historiador já eram reconhecidas na antiguidade – provou ser uma fonte de autoridade sobre as origens das cidades na Sicília <sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> “This does not necessarily falsify the information that is conveyed by literary accounts of foundation: late ‘remembrance’ is not always invented fiction. But since what gets remembered or ‘reremembered’ in oral traditions spanning several centuries has more to do with justifying circumstances in the present than with preserving an accurate account of the past, attempts to reconstruct a city’s origins from foundation stories can only deliver a version of events that later generations of colonists wanted to communicate. This may or may not match with historical actualities”.

<sup>72</sup> “Such variability is more visible in the case of the colonies on the Italian mainland, and is probably a consequence of the fact that Thucydides—whose historical credentials were already recognized in antiquity—proved to be an authoritative source for the origins of the cities in Sicily”.

**Table 1**  
**Number of Sources Offering Information on Colonial Foundations**

COLONY	DATE	OIKISTS	SETTLERS	OTHER
Acrae	1		2	
Acragas	2	1	9	1
Camarina	3	1	3	
Casmenae	1		1	
Catane	2	3	2	
Caulonia	1	4	7	2
Croton	5	22	5	14
Cumae	3	2	20	3
Dicearchia	1	3	4	
Gela	2	9	4	8
Himera	1	1	3	1
Leontini	2	3	6	3
Locri	3	1	10	6
Megara Hyblaea	4	4	5	2
Metapontum	3	6	11	7
Mylae	1		2	
Naxos	4	9	5	3
Parthenope	1		10	3
Pithekoussai	1		2	1
Poseidonia			3	
Rhegion	1	2	6	5
Selinus	3	1	4	
Siris	1		6	1
Sybaris	2	2	8	3
Syracuse	4	12	3	7
Taras	8	10	17	14
Zancle	2	3	5	2

Figura 2 <sup>73</sup>- A tabela (HALL, 2008, p. 389) "Número de fontes de informação sobre fundações coloniais" indica - por coluna - quantas fontes escritas falam sobre A - data de fundação B - oicista(s) C - migrantes D - outras informações. Contempla dados sobre neopólis na Sicília e na Itália.

Vattuone (2011, cap. 3) pensa que a leitura dos historiadores gregos ocidentais, notadamente Antíoco, indicaria uma convivência com povos que para o Grego eram 'bárbaros' mas não hostis. E identifica um reflexo dessa

<sup>73</sup> A tabela aparece listada como 'figura' porque não a montei, apenas faço uma reprodução fotográfica, com a devida citação.

percepção grega no famoso discurso de Hermócrates em 427, durante o congresso pela paz que encerrou as primeiras interferências atenienses na época da Guerra do Peloponeso. Para Vattuone, nesse discurso Hermócrates faz o chamamento à “união dos sicilianos” considerando que a ilha era um patrimônio a ser defendido por todos os seus habitantes contra aqueles que estivessem fora (Tud. III. 64). Essa ‘união em torno da Sicília’ pode parecer o reflexo da visão grega sobre a possibilidade de união com povos não-gregos habitantes da ilha. Porém fazemos uma ressalva importante à visão de Vattuone: Hermócrates era o mandatário de Siracusa, a pólis hegemônica na Sicília da época. E a exclusão de interferências estrangeiras serviria antes de tudo como um reforço ao poder que os siracusanos já exerciam na ilha de modo hegemônico e buscavam consolidar. Sem esquecer que as intervenções atenienses foram convocadas por *póleis* descontentes com a hegemonia dos siracusanos.

Atenas era um agente alienígena na Sicília e entrara na ilha em aliança com as *póleis* e povos insatisfeitos com o *status quo* insular. Com seus recursos e uma ativa política conquistadora-intervencionista, Atenas tinha o potencial de mudar o equilíbrio de forças na Sicília, deslocando os siracusanos de sua posição de hegemón. Os siracusanos temiam isso e com razão, pois a intervenção maior ainda estava por vir em 415-13. Esse arrazoado permite olhar o discurso de Hermócrates sob outro enfoque.

### III.2 – Sícelos

Talvez a primeira coisa que se pode afirmar sobre os sícelos é que eram o povo mais importante (TUCÍDIDES VI. 2; BENJAMIN, 2006, cap. 2) entre os diversos povos não-gregos que habitavam a Sicília antes dos gregos se estabelecerem lá. A segunda é que foram fator decisivo em disputas políticas cruciais mesmo após os povoamentos gregos terem praticamente dominado a maior parte da ilha a partir da metade oriental da Sicília.

É comum haver referências aos sícelos em quaisquer relatos de historiadores gregos, que foram elaborados primariamente para discorrer sobre conflitos entre os próprios gregos. Por exemplo: Gélon, o tirano de Gela e de Siracusa que dominou o cenário político cerca do início do sec. V AEC na Sicília. É dito que Gélon ascendeu ao poder após a morte de Hipócrates, tirano de Gela que o nomeara comandante de cavalaria anos antes. E diz-se (Hdt. VII. 155) que Hipócrates foi morto exatamente numa luta contra os sícelos, mesmo tendo tanto sícelos quanto gregos em seu exército mercenário (BENJAMIN, 2006, cap. 2). Anos após a morte de Hipócrates, Gélon seu sucessor conquistou grande parte da Sicília e formou grande exército mercenário, recrutado entre gregos e sícelos indiscriminadamente (Diod. XI. 2; BENJAMIN, 2006, cap. 2).

Segundo Benjamin, entre 1200 e 900 AEC, um grande grupo de sícelos desembarcou na Sicília e entrou em choque com as populações que já habitavam a ilha. Esta pode ter sido a primeira presença de sícelos na ilha que acabaria por levar seu nome. É interessante notar que Diod. (XII. 5) chama de 'Trinacria' para 'a principal cidade dos sícelos'. Estabelece aqui uma conexão interessante entre o nome pelo qual a ilha era conhecida antes da chegada dos sícelos e uma de suas principais cidades.

O debate sobre a utilidade das 'izações' (MATTINGLY, 2010, 285-7) – helenização, romanização, e por que não, 'colonização' ? – já vai longe na historiografia atual em princípios do século XXI. Mas é sempre útil não perder de vista que o debate segue tendências de hoje, não reflete o que acontecia no passado. O debate ilustra novas perspectivas de conhecê-lo, traz novas abordagens, mas não pode mudar documentos ou uma dada realidade.

Foram os gregos a estabelecer povoamentos em território que os sícelos ocupavam antes dos gregos chegarem, e não o contrário. O grau de contribuição dos sícelos é uma incógnita, que vai sendo esclarecida aos poucos, mas nunca o será por completo. Achados arqueológicos são um núcleo duro de realidade, mas o mesmo não se pode dizer sobre as interpretações dadas a esses achados. Descoeudres (2008, pp. 392-3) tem algo a dizer isso e cita a obra seminal de Dunbabin em seu pior aspecto:

Quando, para citar um exemplo que tem sido objeto de análise recente, T.J. Dunbabin em seus Gregos Ocidentais (publicado em 1948, mas escrito antes da Segunda Guerra Mundial), insiste na ‘pureza da cultura grega nas cidades coloniais’, ou estados que há ‘pouco que sugira que os gregos se misturaram muito com os sícelos ou com os povos italianos, ou aprenderam muito com eles’, ou quando ele declara que os gregos ‘mantiveram os sícelos à distância, mesmo quando viviam em território sícelo’, e sente que ‘enquanto o Sícelo permanecia sícelo o Grego o considerava um ser inferior e era orgulhoso da própria herança’, ele reflete a atitude para com a população nativa dominante na Austrália até os anos 70 [do século XX]. Sua interpretação da relação entre gregos e sícelos teria sido menos assertiva, e portanto mais compreensível (embora não necessariamente mais aceitável) tivesse ele revelado sua fonte de inspiração – para ele mesmo assim como para seus leitores.<sup>74</sup>

A cautela necessária para analisar uma questão tão complexa – as lentes que usamos para enxergar o outro – pensamos que Descoedres abandonou neste trecho. Não é tão certo que por ter se criado na Austrália, ou em qualquer outro país uma pessoa adote visões semelhantes ‘às do lugar’. Primeiro porque as visões variam. É como perguntar a dois americanos, um contribuinte do Partido Democrata e outro do Partido Republicano o que pensam da administração Bush. Serão relatos completamente diferentes para pessoas que consideramos da mesma cultura num primeiro olhar, até conhecermos um pouco mais sobre aquela cultura e suas divisões. E sobre as próprias pessoas, i.e., suas visões de mundo, formação social, cultural e afiliações políticas.

---

<sup>74</sup> “When, to take an example which has been the subject of a recent analysis, T.J. Dunbabin in his *Western Greeks* (published in 1948 but written before the Second World War), insists on ‘the purity of Greek culture in the colonial cities’, or states that there is ‘little to suggest that the Greeks mixed much with Sikel or Italian peoples, or learnt much from them’, or when he declares that the Greeks ‘kept the Sicels at arm length, even when they lived in Sikel territory’, and feels that ‘so long as the Sikel remained Sikel the Greek regarded him as an inferior being and was proud of his own descent’, he reflects the attitude towards the native population that prevailed in Australia until the 1970s. His interpretation of the relationship between ancient Greeks and Sicels would have been much less affirmative, and thus more understandable (though not necessarily more approvable) had he revealed his source of inspiration—to himself as well as to his readers”. Texto original com ‘Sicel’ quando Descoedres grafa o nome e ‘Sikel’ quando ele cita a grafia de Dunbabin.

Podemos passar para a antiguidade e identificar no relato do mais romanizante dos escritores antigos, Tito Lívio, acerca da batalha do Ália <sup>75</sup>, vários insultos aos romanos. Lívio diz sobre os romanos que ‘nem os chefes nem os soldados pareciam romanos’ e faz elogios aos bárbaros, dando-lhes ‘a sorte e a razão’ (TITO LÍVIO. V. 38). E no relato de Plutarco – um grego – sobre César os maiores elogios às capacidades de generalato que César possuía (PLUTARCO. Vida de César. 15) É fácil notar que nossas origens e cultura não nos condenam a análises e observações eternamente parciais para um lado só, menos ainda a sermos eternamente parciais apenas para a cultura em que fomos criados.

Talvez Descoedres tenha querido dizer que é possível identificar traços do preconceito geral da cultura australiana contra os aborígenes no texto de Dunbabin. Nem sempre é tão fácil. A pergunta que faço nestes casos é: onde está o preconceito? No autor ‘moderno’ do séc. XIX EC até metade do século XX, poucas décadas atrás ou está nos próprios gregos antigos?

Os problemas para responder a essa pergunta estão nas duas pontas da corda: Não sabemos que operação miraculosa teria sido essa que corrigiu as ‘lentes’ dos pesquisadores desde as últimas décadas para hoje, se foi a Segunda Guerra Mundial ou o Maio Francês, e aparentemente liberou nossos pesquisadores atuais de todo e qualquer preconceito – ao menos se os tem são inconfessáveis, pois mostram enorme facilidade em apontar os preconceitos dos outros e evitam falar dos seus. Na outra ponta estão os relatos antigos. Onde os sícelos são quase sempre coadjuvantes, fatores menores nas lutas entre os próprios gregos. Filtrar o preconceito do antigo não significa necessariamente discordar dele naquilo que avaliava. Não se diga que as culturas submetidas pelos ‘invasores’ clássicos – gregos e romanos – deixaram de ter seu papel nas sociedades mescladas daquele tempo. Mas afinal aquelas sociedades e povoamentos não sobreviveram ou foram conhecidas como Civilização Sícela ou Império Celta. Nesse processo as contribuições dos sujeitos anteriores e concomitantes importam – penso aqui em Martin Bernal – Mas o resultado e os processos, a ‘resultante cultural’ são

---

<sup>75</sup> Que precedeu a tomada de Roma pelos Gauleses, em 390 AEC, nos começos da República.

pelo menos igualmente importantes. Não é apenas 'o que se fez' ou 'quem contribuiu para aquilo que se fez'. Mas sim a imagem que ficou daquele passado, como ela foi formada, de que ela é composta e para que é utilizada nos séculos posteriores e até aos dias de hoje.

O que nos parece é que essa problemática do relativismo do olhar no século XXI EC assumiu tons exagerados: redescobrimos o Positivismo do XIX EC, seu olhar sobre a antiguidade 'contaminado' com sua própria perspectiva. Assumimos a operação de avaliar o XIX negando sua perspectiva 'contaminada' e nos tornamos conscientes de que um olhar isento é impossível. No XIX, já se refletia sobre isso e mesmo antes a reflexão existia. O grande problema no XXI parece ser mergulhar alegremente em nossa própria 'perspectiva contaminada' após constatarmos que ela existe. Como se a consciência sobre um problema nos desse todas as vacinas contra ele. Invalido aqui boa parte da crítica feita a Historiografia do XIX. Ou senão, no todo, invalidaremos a produzida no XXI, pelos mesmos problemas de 'contaminação da perspectiva', apenas talvez, com sinais invertidos: a perspectiva do dominado ao invés da do dominador, do não-europeu ao invés da do europeu, etc. Perspectivas importantes e para além da História enquanto disciplina, para além da própria Academia, perspectivas formadoras da consciência de uma sociedade que quer o seu lugar no mundo. Mas academicamente, as perspectivas geradas pela contraposição do século XXI ao XIX são perigosas quando se percebem como algo mais que uma perspectiva, quando não enxergam a operação de inversão de sinais que produzem.

Voltando à temática sícela, muito do que se sabe sobre os sícelos, seus tempos primitivos e suas relações com os gregos, deve-se a Timeu de Taormina, historiador siceliota (grego da Sicília) do séc. III AEC. e que teria influenciado muitos que escreverem depois dele. Na antiguidade já destacamos o trabalho que Políbio teve na tentativa de 'destronar' Timeu como o historiador dos gregos do ocidente. Baron e Pearson dedicam seus livros a esta ideia – a carga que Políbio faz sobre Timeu e a importância que este tinha, relevada

precisamente por causa dos ataques que recebeu de Políbio. E Benjamin também cita este raciocínio em seu cap. 2.

As fontes antigas apontam para uma origem italiana dos sícelos (PEARSON, 1988, p.56). Mais uma vez o relato de Tucídides (VI. 2) é o mais extenso que nos chegou. Diodoro (V. 6) também corrobora tal origem, segundo Pearson, tendo Diodoro lido a informação em Timeu. Porém, Pearson diz que essa origem é negada pela Arqueologia, especialmente por Brea<sup>76</sup> e que os artefatos encontrados não comprovam tal origem. Pearson afirma ainda que a questão da origem italiana dos sícelos está longe de ser tradicional a menos que pudesse ser provado que as tradições atribuídas a sícelos e sícanos fossem realmente deles.

A questão porém, é espinhosa. Shepherd (2005) parece ter encontrado vários paralelos entre enterramentos italianos e sícelos, ainda que seu foco seja sobre a possibilidade de mistura entre gregos e sícelos. E sobre a possibilidade de definir tais misturas a partir de necrópoles e cemitérios.

---

<sup>76</sup> BREA, Bernabò. Sicily before the Greeks. London: Thames & Hudson, 1957.

#### IV – A Fundação dos Povoamentos Gregos e as Interações Greco-Sícelas

“Os sícelos são mostrados ao mundo apenas através da invasão grega, pois eles mesmos não deixaram nada para nos contar de suas atividades”

BENJAMIN

##### IV. 1 – O Grego e O Outro.

Hartog (1999) sintetizou o grego – em especial o ateniense, segundo Ricoeur – em oposição ao outro, usando os Citas de Heródoto como seu modelo. No dizer de RICOEUR (2007, p. 260. n. 19) “o texto das *Histórias* é tratado como modelo (...) para o ‘bárbaro’ que nele reflete sua alteridade e para o grego, que nele reflete sua identidade”.

Heródoto é visto como o ‘campeão da alteridade’ em comparação a Tucídides que tratou quase somente de assuntos gregos, mas levantamos duas desconfianças:

1) Heródoto não se estende sobre os bárbaros para exaltá-los e quando o faz, não é de forma inocente. Podemos ter uma 1ª impressão contrária, vendo-o como tendo um olhar benevolente/equivalente sobre os bárbaros, dada a sua condição de grego da fronteira greco-bárbara, grego de Halicarnasso<sup>77</sup>. Não. Heródoto quer que os gregos tenham conhecimento das características, do poderio e das capacidades dos não-gregos que venceram, mas que constituíam uma ameaça latente. E quer esse conhecimento tanto de maneira instrutiva – conhecer o inimigo como forma de sempre superá-lo – como de maneira autoencômica: elevando o inimigo vencido, elevo a mim mesmo.

Um indício dessa intenção é o provável local escolhido para a divulgação de seu texto: Olímpia em momento de celebração helênica (RAWLINSON, 1859, p.14). A pólis por excelência da celebração pan-helênica. Heródoto não é

---

<sup>77</sup> Momigliano, 1990, pp. 34-39, mas especialmente a p. 39.

Timeu. Não é um precursor da resistência ao centro difusor de modismos do momento, não apresenta seu torrão natal como tão importante quanto a massa heládica. Heródoto explana os bárbaros de uma maneira que mesmo a nós hoje – mais preocupados com alteridade, com enxergar o outro, do que os gregos antigos – mesmo a nós, nos parece simpática. Mas, numa lembrança do que tanto Baron (2013, pp. 137, 153, 186, 190, 201, e principalmente 206) quanto Conte (1994, p. 105-28) e Marincola (1994, 2011) dizem: audiência e obra se adequam. E acrescento: público, obra, intenção<sup>78</sup>.

Pensando com mais detalhe quanto à sua condição de grego da fronteira, ele realmente a aproveitou, mas não para lançar um olhar mais complacente com os bárbaros, e sim para que esse olhar fosse mais detalhista, mais digno de confiança para a sua audiência.

2) Ao avaliar Heródoto, preferimos usar os elogios pósteros do conterrâneo Dionísio de Halicarnasso de maneira reversa. Dionísio, no século I AEC, escreveu uma crítica comparando ambos os historiadores do século V precedente, e concluiu que a obra de Heródoto seria ‘superior’ porque “abordava vitórias dos gregos sobre os bárbaros” enquanto Tucídides escolhera um ‘tema menor’ que seriam as guerras entre os próprios gregos (D.H., 1931). Esta recusa de olhar os problemas do mundo grego, Tucídides já a superara. Talvez Dionísio no século I AEC estivesse preocupado, como Plutarco mais ou menos um século depois, em mostrar aos romanos de quanta valia os gregos eram. Mas Dionísio mostra que a tendência tucidiana de escolher um tema espinhoso atribuindo-lhe uma importância lógica e não étnica, não escolhendo ou deixando de escolher um tema por representar mal a própria cultura, essa tendência lógica não apresentou uma progressão contínua. O retórico do século I não consegue enxergar méritos na ‘autocrítica’ grega de Tucídides, de quatro séculos antes.

#### IV.2 – Os Povoamentos Gregos Ante Os Sícelos

Em qualquer época e lugar a relação entre os que chegam e os que já estavam lá, é no mínimo uma relação complexa, quase sempre uma relação

---

<sup>78</sup> Diferença Audiência x Público: cf. p. 13, n. 6.

difícil. Com gregos e sícelos não foi diferente. Embora ambos fossem migrantes – há várias indicações, embora não certas de que os sícelos se originaram fora da Sicília e migraram alguns séculos antes dos gregos (PEARSON, pp. 12-15, 23, 56) – os sícelos, fosse por estarem há mais tempo na Sicília, fosse pelo modo como os gregos chegavam, fosse por que fosse, reagiram quase sempre de modo agressivo às imigrações gregas.

O olhar sobre as culturas Clássicas – Grega e Romana – dentro da Academia hoje, é por vezes, um olhar de reprovação, um olhar que nos valores de hoje, rejeita a expansão que essas culturas tiveram, seus métodos de conquista, sua repercussão e sua capacidade de obscurecer outras culturas próximas ou conviviais como quase não-existentes, ou existentes muito a partir do que os Clássicos escreveram sobre os ‘Bárbaros’.

Muito já se perguntou – e se escreveu – sobre o que teria causado que essas duas culturas se sobrelevassem às demais de seu entorno. Não pretendemos responder tal questão neste reduzido ensaio, embora avaliemos que era uma questão estatística, em primeiro lugar: numa disputa entre vários, alguém leva a melhor. Mas para tanto esse alguém tem que dominar com maestria as regras que controlam a disputa: a violência, bem como a necessidade de domínio, não era uma característica inerente apenas a gregos e romanos.

Quanto à permanência da memória de gregos e romanos em relação aos demais a resposta nos parece mais fácil, embora à 1ª vista, um pouco chocante e descabida: essa capacidade de aparentemente se sobrelevar às outras culturas advém muito do fato de que eram culturas letradas, que o sistema de alfabetização e letramento foi e ainda é uma forma de dominar o universo humano, ou ao menos de ser lembrado. Na antiguidade era o que de mais próximo havia de uma gravação em sentido moderno, de um registro indelével – embora nem sempre fidedigno – do que se fazia, de como se vivia, e principalmente, de como eram as relações político-sociais, de como elas eram percebidas e refletidas.

Por mais que hoje arqueólogos tenham recursos para fazer 'leituras' a partir de materiais e assim ecoar o que as culturas não-Clássicas fizeram, esses códigos não estão ao alcance de todos. Não formam – e não formaram – para as gerações posteriores, imagens vívidas das culturas iletradas que se perderam. Isto não é uma legitimação – quem sou eu afinal, para legitimar qualquer coisa – nem uma explicação de como dominantes e dominados assumiram seus papéis. Mas sim uma tentativa (frisando 'tentativa') de explicar porque tais e tais culturas assumiram papéis X ou Y na memória de coletividades futuras. Um estudante de ensino médio pode não ter a menor ideia do que foram a cultura grega ou a romana, mas ao terminar o ensino médio terá muito mais noções sobre essas culturas do que sobre sícelos, celtas ou xhosas. E reproduzirá tais noções e discussões ao longo da vida caso permaneça minimamente interessado – ainda que nem todos se tornem historiadores, arqueólogos ou classicistas. A escrita, pela minúcia de detalhes descritivos, inclusive sobre aspectos não-físicos ou materiais – sejam verdadeiros ou não – muito contribui para deixar uma imagem humana, fortemente impregnada nas mentes dos modernos sobre as civilizações Clássicas. Contribui – e contribuiu – acima de tudo para um sentimento de identidade. Ainda estamos no processo de nos livrarmos destas poderosas influências (e espero sinceramente, não estar atrapalhando este processo ao investiga-lo, porque como em muitas investigações, os detalhes que surgem não são nada bonitos, e por vezes são contrários ao que pensamos no início de nossa investigação ou são contrários ao que gostaríamos que surgissem. Frustrante que seja, ao menos isto fornece um variado mosaico).

Leitura e escrita, faculdades humanas do trato superior por excelência, para além do que se deixa perceber na maior parte da cultura material, pois a escrita é uma codificação do mundo onde intenções conscientes tentam dirigir o olhar para além do atávico, para além daquilo que é feito sem se perceber<sup>79</sup>.

---

<sup>79</sup> Quando escrevo isto, o exemplo histórico mais claro na minha mente é de como a Igreja Católica doutrinava seus fiéis analfabetos no Medievo: através de imagens. São didáticas e 'valem por 1000 palavras' caso você não tenha uma capacidade de desenvolver juízos além do que a imagem lhe diz diretamente. Capacidade que só pode ser alcançada após muito treino, muito exercício do contraditório e muita opinião crítica. Quais seriam essas 1000 palavras? A cada imagem as suas seriam diferentes das minhas. Textos também podem ser manipuladores? Certamente e claramente. Mas o texto não é um extrato direto da realidade visual, como uma foto, um vídeo, ou uma lembrança muito próxima, como uma iluminura ou um

Onde o muito por concluir advém de uma mediação entre a intenção do escritor – já prevendo uma posteridade, caso faça ιστορία– e aquilo que inadvertidamente ‘nos contou’, por conclusão nossa. Quase sempre provocada por omissões e silêncios por parte de quem escreve. Ou por ênfases que parecem maiores do que o texto, o tema, a circunstância, algum elemento enfim, exigiriam. Ou ainda por colisão de informações com outras obras contemporâneas, especialmente aquelas cujas informações estejam mais verificadas e confirmadas.

Para alguns, as civilizações clássicas muito se assemelham aos ‘imperialistas’ de nosso tempo e, numa oposição binária, as civilizações que encontraram seriam os oprimidos numa perspectiva muito ao gosto do que se chamaria teoria Terceiro-Mundista na década de 80 do século XX, e pode ser enquadrado na releitura da Teoria Pós-Colonial desde a década de 90 daquele século, após o fim da Guerra Fria<sup>80</sup>. Certamente tais leituras sobre as civilizações clássicas são possíveis, mas também tem suas limitações.

A mais evidente é enxergar nos gregos, por exemplo, os invasores, os ‘colonizadores’. Para o povo que habitava os locais aonde os gregos chegavam, antes deles serem um fator novo de preocupação, talvez o olhar fosse semelhante a como os povos da Ásia, África e América Latina enxergaram a chegada dos Europeus nos mais de cinco séculos que ligam a tomada de Ceuta (1415 EC) por Portugal até a tomada de Cuba, Porto Rico e das Filipinas pelos EUA em 1902 e indo até a descolonização das décadas de 50 e 60 do século XX. É uma leitura factível, mas esconde algumas complexidades.

O grego migrante vinha cumprir um decreto da pólis onde antes vivera. Quase sempre, como já citamos anteriormente (pp. 37-41), era uma pessoa despossuída. Não perdera apenas seu local de nascença, sua convivência talvez, seus locais de familiaridade. Com frequência era falta de posses, ou vinha punido com perda de cidadania original. Claro que muitos se juntavam às

---

vitral. Um texto é um código, e como tal, requer reflexão, permitindo um tempo para a recusa – creio que meu próprio texto é um exemplo do que estou dizendo.

<sup>80</sup> A Teoria pós-Colonial tem raízes anteriores, pelo menos da década de 50 do século XX.

expedições pela perspectiva de uma mudança de vida, de amealhar terras, riqueza e se tornarem membros influentes de uma nova pólis. Mas só isto já indica o grau de insatisfação com o local que antes habitavam. Eram quase sempre os pobres do sistema.

Até aqui os paralelos com a moderna migração colonial são vários, porém a principal diferença é quanto ao controle do Estado sobre o empreendimento e sua posterior relação com ele. Para tudo o mais no Estado que empreendeu a Colonização moderna *ipsis litteris*, sécs. XV-XX EC, os processos eram quase sempre centralizados e atrelados a uma política de estado. Política de estado que, mesmo através de companhias particulares empreendia todos os esforços na direção de um Exclusivo Colonial sobre as terras que administrava diretamente. Não temos tais coisas na Grécia, nem o grau de relação pólis originadora x neopólis era tão forte quanto Metrópole x Colônia no estado moderno dos séculos XV-XX.

Quanto às populações que recebiam – bem ou mal – o recém-chegado, invasões e disputas de terras, cursos d'água, florestas para colheita de madeira e bosques sagrados<sup>81</sup>, eram frequentes com outros povos, não só com o grego. sícelos e sícanos, outro povo pré-grego da Sicília, teriam entrado em choque diversas vezes conforme relato de Diod. (V. 6). Ver o Grego – ou o Romano – como invasor por excelência, num mundo em que a migração, e quase sempre a migração violenta era a regra, é um olhar parcial, é um julgamento de valor não pelo que eles poderiam ter de negativo, caso fossem os únicos invasores. É puni-los com um olhar severo num jogo cru em que eles apenas obtiveram mais sucesso do que os demais. Mas um jogo que todos tentavam, alguns ganhavam, outros perdiam. Quem transformou as regras em método, legou à posteridade o seu nome. Louvável? Não. Mas condenável tampouco. O grego não era 'O imperialista'. E o romano, por incrível que pareça, também não o era mais que o grego<sup>82</sup>.

---

<sup>81</sup> Suspeitamos que fossem a mesma coisa: o bosque só era sagrado porque provia recursos vitais para a comunidade: lenha para habitação e utensílios, ou calor no inverno, carne de caça, etc.

<sup>82</sup> É o caso típico em que se deplora ao dominador não o que fez de ruim, invasões e massacres que eram mais a regra do que a exceção na antiguidade. Mas porque bem

Esta breve digressão conceitual é importante porque corremos o risco de definir o conjunto do fenômeno migratório para a Sicília e para outras áreas fora da Hélade como algo que não era: um movimento organizado a partir de um centro ou vários com o objetivo de carrear riquezas para um centro difusor que seria a Hélade. A analogia com a Europa é sempre recorrente, mas nem por isso menos incorreta. Hall (2005, pp. 6; 90-123) nos diz que este movimento não era desconexo da ocupação da própria Hélade e da Ásia Menor em seguida. Assim, a chegada dos gregos na Sicília era apenas mais um destino, nem sequer uma etapa de um processo contínuo de migração, anterior à própria chegada dos gregos à Hélade.

Os gregos – ou os romanos – talvez devam ser compreendidos longe de um ‘Imperialismo’ porque ao contrário da época que produziu Hobson e Lênin, as civilizações clássicas não buscavam uma definição de império para melhor ordenar suas conquistas ou áreas de expansão étnico-cultural. E menos ainda, buscavam uma definição de um processo de carrear riquezas para alimentar um centro que mantivesse a dominação de uma classe por outra<sup>83</sup>. Nem eram imperialistas conceituais para querer entender o Imperialismo, nem queriam explica-lo e abrange-lo para dar-lhe fim.

A seguir examinaremos brevemente o momento inicial de alguns destes povoamentos gregos na Sicília, conforme nos chegaram os relatos antigos e pesquisas modernas<sup>84</sup>. Datas de fundação estimadas seguem Kury (1985, p. 356), que segue Tucídides (VI. 3-4). Segundo Pearson (1988, pp. 5-6), Tucídides deixa a impressão de que as datas de fundação eram conhecidas, mas há muita disputa sobre elas, e quando o oráculo de Delfos aparece para definir datas, é quase certo ser uma tradição inventada e não registro oficial.

---

sucedido onde outros não foram, acaba-se por deplorar exatamente seu mérito, sua capacidade de metodizar coisas, numa confusão valorativa entre as ações executadas, seus motivos e o método para chegar-se a elas, ou seja, tudo aquilo que fazia com que dada cultura se estabelecesse enquanto outras desapareciam. Dominar a tribo vizinha era muitas vezes uma questão de sobrevivência. A tribo não queria dominar, queria exterminar em muitos casos. É possível que justamente as tribos que escolheram administrar a conquista ao invés de exterminar populações, tenham sido as prevalecentes. A Diplomacia, não só a Guerra. Talvez mais a Diplomacia do que a Guerra.

<sup>83</sup> Embora haja subsídios para fazer uma leitura deste tipo. Arriscada e enganosa, mas há.

<sup>84</sup> Referência geográfica: mapa na p. 93.

NAXOS, 735 AEC – Fundada no local que é praticamente a porta de entrada da Sicília para quem vem da Grécia, onde as correntes levam os viajantes e com localização ideal para vigiar todo o fluxo marítimo entre Sicília e Med. Oriental (BENJAMIN, 2006, cap. 2). Aqui a interação greco-sícelo foi hostil. Os sícelos pareciam estar acostumados com os gregos na área, mas reagiram aos primeiros colonos vindos de Cálcis, que resistiram e fundaram a neopólis. Parece ter havido acordo entre as partes e cessação dos atritos pois “(...) a evidência indica que os dois grupos aravam terras adjacentes e não dá indicações de lutas posteriores entre eles”<sup>85</sup>. Embora seja interessante refletir de que modo a evidência pode provar que não houve disputas posteriores em pequena ou grande escalas entre os dois grupos. Repito Bernal, é muito difícil provar uma ausência.

O culto a Apolo foi de certa forma responsável pela prosperidade de Naxos. Apolo foi praticamente o ‘patrono’ do movimento migratório grego para a Sicília, uma vez que todas as consultas sobre a fundação de neopólis aconteciam no santuário de Delfos (BENJAMIN, 2006, cap. 2; DESCOEUDRES, 2008, p. 291, n.8). E ao chegar a Sicília os gregos migrantes encontravam em Naxos um santuário a Apolo onde faziam sacrifícios. Graças a isso, Naxos adquiriu a fama de cidade sagrada entre os migrantes.

SIRACUSA, 734 AEC – A área onde Siracusa foi fundada contava com vários núcleos comerciais fenícios e gregos, muito antes da fundação da neopólis. Tucídides (VI, 3) nos diz que o núcleo inicial porém, a ilha de Ortígia, teria uma população de sícelos que foi expulsa pelos migrantes gregos.

Esse começo da relação com os sícelos por parte dos migrantes daquela que seria a maior pólis na Sicília pode ter sido decisivo para os alinhamentos políticos nas lutas que viriam mais tarde, quando das invasões atenienses no séc. V AEC. E talvez definiu o alinhamento político na área predominantemente dória: os siracusanos tenderiam a tratar os sícelos como sujeitáveis.

---

<sup>85</sup> “(...) evidence indicates that the two groups farmed adjacent territory and gives no indication of further fighting between them”

LEONTINOS, 729 AEC – Fundada um pouco antes de Catana, também pelos Calcídios de Naxos. Houve conflito com uma população sícela local que em tempos imemoriais teria se movido da planície em disputa para colinas próximas (BENJAMIN, 2006, cap. 2). Há uma sucinta descrição em Tucídides (VI .3). Além disso ainda houve uma mescla com Megáricos. Quando um grupo saiu para juntar-se a Catana, os megáricos que estavam na área em busca de um lugar para se estabelecer, foram aceitos. Só que tanto os dialetos como os rituais dos dois grupos eram muito diferentes, e a tensão étnica aumentou com o tempo até a expulsão dos megáricos. (BENJAMIN, cap. 2).

Após isso – talvez até por verem-se mais enfraquecidos em número – os Leontinianos estabeleceram boas relações com os sícelos.

CATANA, 729 AEC – Prosseguindo no sentido do relógio, mais ou menos o ritmo das fundações de neopóleis do movimento migratório grego, em Catana<sup>86</sup> tivemos um exemplo de convivência pacífica com os sícelos. E a cidade ao pé do Etna também teria servido de modelo – através do filósofo Carondas – às demais neopóleis siceliotas no sentido de publicar leis que estimulassem um sentimento e um ritmo de vida independente das *póleis* fundadoras (BENJAMIN, cap. 2).

MÉGARA HIBLEA, 728 AEC – Possivelmente o caso mais interessante na interação greco-sícela. Os Megáricos expulsos de Leontinos fundaram a leste esta neopólis para uma zona habitada por sícelos desde o registro mais antigo. O rei sícelo Hiblon convidou os megáricos a fixaram-se numa área próxima a sua. Da aceitação mútua nasceu a neopólis cujo nome homenageia os recém-chegados e o rei sícelo. Esta parece ser a referência-padrão à cooperação entre gregos e sícelos desde a antiguidade.

GELA, 689 AEC – A última das neopóleis fundada diretamente a partir da Hélade, por Cretenses e Ródios, as vastas planícies agricultáveis de Gela permitem-nos uma reflexão geral: sua ocupação foi pacífica e após o crescimento da neopólis, os Gelanos passaram a comerciar com sícelos e com sícanos. Como já dito acima, os sícelos não praticavam a agricultura, portanto

---

<sup>86</sup> Fundada pelos Calcídios de Naxos, cinco anos após a fundação da própria Naxos.

as planícies férteis onde o trigo não crescia de modo selvagem para coleta, não precisaram ser disputadas entre gregos e sícelos.

AS ILHAS LÍPARAS (?? AEC) – Deligiannis (2014), explica sobre o povoamento grego das ilhas em conjunto com sícelos:

Os cnídios e ródios refugiados de Lilibeuum velejaram ao longo da costa norte da Sicília, terminando nas ilhas Eólias ou Líparas. Eles se fixaram na maior de todas elas, Lipara ('a fértil' em grego) ou Meligunis, onde fundaram sua cidade incorporando alguns sícelos da ilha e usavam as terras de outras ilhas como zona arável<sup>87</sup>.

<http://periklisdeliannis.wordpress.com/2014/08/27/a-small-sparta-far-away-from-greece-the-aeolian-liparian-islands/>

É sugerido (BENJAMIN, 2006, cap. 2) que os conflitos entre gregos e sícelos surgiam tanto de disputas por áreas ocupadas previamente por sícelos e que os gregos tomaram, como da necessidade que os gregos tiveram de apresar escravos entre os sícelos para servir de mão-de-obra nos povoamentos. Benjamin observa que os gregos descreveram os sícanos como mais amigáveis e mais esparsos que os sícelos.

ZANCLE/MESSENA (?? AEC) – Inicialmente uma área sícela, o nome Zancle em idioma sícelo significando 'curva' para Tucídides (VI. 4) e 'porto' para Estrabão (VI. 1). Após a chegada dos gregos foram muitas ocupações violentas – migrantes de Naxos, refugiados de Samos – mas também pacíficas como os Messenos refugiados da violência espartana que acabaram renomeando a cidade. Não se menciona muito como a área passou dos sícelos aos gregos, mas dada sua posição estratégica no estreito que leva seu nome e controla a passagem norte entre Itália e Sicília, e pelas disputas violentas entre os próprios gregos pela sua posse, a indicação é que tenha sido tomada aos sícelos pela força.

---

<sup>87</sup> "The Cnidian and Rhodian refugees of Lilybaum sailed along the northern coast of Sicily, ending to the Aeolian or Liparae Isles. They settled in the largest of them, Lipara ("the fertile" in Greek) or Meligounis, where they founded their city incorporating some native Sikels (Siculi) of the island, and used the lands of of the other islands as cropland".

#### IV.3 – O Período Intermediário – da fundação dos povoamentos gregos na Sicília até as invasões atenienses

Cerca de 590 AEC, os siracusanos fundaram Camarina como um posto avançado contra a expansão de Gela, que tinha vastos campos e agricultura, mas não tinha um porto como os de Siracusa. Os *gamoroi* – ricos proprietários de terra – siracusanos temiam as ambições de Gela neste sentido. Camarina porém, prosperou de maneira independente, comerciou com os sícelos e inclusive lhes deu um porto. Ao mesmo tempo em que comerciava com Gela e com Siracusa. Os siracusanos resolveram destruir a cidade em 553 AEC.

Enquanto isso os *killyrioi* – sem-terra<sup>88</sup> – grupo que consistia basicamente de sícelos, viu nesse processo o momento de levantar-se. Tinham sido basicamente tratados como escravos pelos siracusanos, sem a integração que houvera em outras *póleis*, especialmente as fundadas por jônios, e os que viviam livres foram empurrados para as regiões pantanosas da *khóra* siracusana. Sua existência foi uma das razões para a construção de uma série de postos militares a oeste, tentando isolar as comunidades sícelas.

O levante dos *kyllirioi* terminou com eles expulsando os oligarcas agrários – *gamoroi* – de Siracusa. Não foram os primeiros a fazer isso, tendo processo semelhante ocorrido em Leontinos. O interessante aqui é ver a participação do substrato sícelo no processo político siracusano.

##### V.3.1 – A expansão gelana

Os siracusanos tinham alguma razão em temer Gela. Além dos seus campos extensos que lhes deram grande riqueza, os Gelanos desenvolveram criações equinas, dando-lhes uma forte cavalaria, que na guerra antiga poderia ser decisiva entre adversários com equilíbrio de forças aproximado.

---

<sup>88</sup> Vemos várias traduções para *killyrioi*, que parece ser uma denominação local...massa dos mais pobres, servidão comunitária, despossuídos sem cidadania e sem propriedade. Preferimos esta.

Parece que os Gelanos só esperavam um líder à altura de suas potencialidades e este surgiu com Hipócrates (líder entre 498-491 AEC). Aliou-se com Agrigento/Acragás (pólis fundada por Gela) e tornou Gela a mais poderosa das neopólis sicelotas em seu tempo: tomou Leontinos, Zancle, Catana e mesmo Naxos, que resistiu a um primeiro assalto. Reconstruiu Camarina em 493 AEC, destruída pelos siracusanos cerca de meio século antes, para atingir seus próprios planos.

Hipócrates empregava mercenários gregos e sícelos e também vendia seus prisioneiros como escravos, fossem gregos ou sícelos. A queda de Siracusa parecia tão certa que Corinto, sua pólis original, mandou mediadores para negociar. Porém, Hipócrates morreu justamente em batalha contra os sícelos, e Siracusa que tratava os sícelos tão mal, deveu-lhes naquele momento, a própria independência.

Siracusa acabou caindo para o sucessor de Hipócrates, Gélon, que trouxe de volta os *gamoroi*. Após a batalha de Himera que opôs dois grupos de neopólis gregas e teve como centro a luta contra os cartagineses, a própria Siracusa emergiu como o poder maior da Sicília, findando a hegemonia gelana.

Já sob Hierão, novo tirano, o poderio de Siracusa fez face mesmo aos Etruscos, que tentavam tomar as ilhas Líparas, ponto estratégico no norte da Sicília. 18 anos de tirania de Gelón e Hierão, fizeram este último pensar que tinha a cidade e a Sicília em suas mãos, e nomeou Trasíbulo seu sucessor.

Aparentemente os povos da Sicília estavam cansados da família no poder, cujas raízes remontavam a Gela – os Deinomênidas (SAVOCCHIA p. 1, 57-59; 126-130; 153-155). Uma grande sucessão de guerras, de deslocamentos populacionais forçados, de desapropriações e tramas políticas alimentava esse descontentamento (Tud. VI. 5; Diod. XII.6; XIV.13-14,16). Uma sublevação – tanto de gregos de outras *póleis*, quanto de siracusanos como de sícelos – conseguiu mandar Trasíbulo para o exílio.

Podemos perceber neste ponto, mais de dois séculos após o início das migrações gregas, que os sícelos parecem bastante integrados no panorama

político das cidades gregas. Ao menos nos relatos literários, cujo principal subsídio são os livros VI e VII da obra de Tucídides e também Diodoro Sículo, dentre os que chegaram aos nossos dias. Os sícelos entram como mercenários, prisioneiros, escravos e aliados em vários momentos, e em todos estão paralelos aos gregos, sofrendo os mesmos destinos. O tratamento diferenciado obviamente existia, mas parece mais pronunciado em relação à Siracusa. Mas mesmo ali foram influentes em mais de uma ocasião para derrubar os poderes constituídos e ajudar a formar outros.

O artigo de Shepherd (2005) sobre os cemitérios sicilianos mostra bem o panorama intercultural confuso entre gregos e sícelos, a ponto de ser difícil determinar se a presença de objetos (pp. 2-3, 14,18) de ambas as culturas nos mesmos túmulos, significava miscigenação, modismo ou alguma outra possibilidade. A nós parece que há substratos suficientes para considerar – em caráter hipotético – a civilização formada na Sicília Oriental a partir da ocupação grega na Sicília como ‘Cultura Greco-Sícela’ tal a percepção que se tem progressivamente da influência mútua das duas culturas sobre o panorama político-cultural da ilha. Percepção que advém tanto dos registros histórico-literários quanto dos achados arqueológicos. Obviamente que se trata de uma hipótese que carece de estudos mais aprofundados.

### V. 3.2 – A revolta de Ducetius

Mais ou menos em meados do séc. V AEC, surge Ducetius, quase uma síntese do que dissemos acima. Sícelo de origem nobre (Diod. XII. 5), Ducetius liderou uma sublevação geral de sícelos em meados do século V – 3 séculos após as primeiras ocupações gregas na Sicília, e em seguida a um período de guerras endêmicas entre os diversos povoados gregos. Ele teria construído uma cidade-santuário, Kale Acte no centro da área de ocupação sícela, como símbolo de uma unificação desejada (Diod. XII. 5; Antonaccio, 2001, p.118). Não resistiu ao ataque combinado de várias cidades gregas, mas foi a primeira vez após os séculos de ocupação grega na Sicília que uma liderança nativa unificou a vasta quantidade de tribos sícelas, colocando-as

como fator político em meio aos conflitos dos gregos entre si ou com os cartagineses.

Difícilmente este esforço foi global, os sícelos não tinham noção de comunidade étnico-nacional, e não podemos precisar o quanto das tribos sícelas Ducetius alcançou em sua revolta. Apenas pode-se especular que não deve ter havido uma unificação total para este tipo de apelo político-étnico. Só que o apelo em si constituiu um momento único porque os sícelos apareceram não como coadjuvantes em iniciativas gregas, mas como uma comunidade étnica individualizada num esforço próprio.

Após sua derrota e a destruição de Kale Acte, Ducetius foi exilado em Corinto, o que pode ser um indício de ligações com aquela pólis ou mesmo ascendência parcial grega. Retornou depois para a Sicília, sendo duvidoso o desenrolar dos seus anos subsequentes. Possivelmente trabalhou como mercenário para cidades gregas na Sicília, que tinham o costume como vimos (p. 70), de recrutar sícelos em seus conflitos. Dada a liderança e experiência militar que adquirira antes do exílio, é um desdobramento provável dos seus últimos anos de vida.

O que concluímos do exposto: o grego parecia ter certa facilidade em definir-se em relação ao não grego, o que não excluía totalmente o não grego de sua convivência, ainda que fosse como tropa em hora de urgência. O mito dório do Espartano como senhor do Hilota, sempre excludente de uma população de outra etnia que mantinha em sujeição próximo a si, parece ter-se repetido na Sicília, onde Siracusa – fundada e povoada por dórios – acabou por assumir a hegemonia da ilha.

Ducetius parece destoar um pouco desse quadro, não sabemos até que ponto, nem se ele foi representativo dessa diluição de fronteiras étnicas ou se foi mero caso isolado. Nem sabemos até que ponto sua história demonstrou que fora da Hélade as fronteiras étnicas eram mais porosas. Parece antes que, a exemplo de Esparta, o grego tinha mais dificuldade de definir a si, ou definir ao vizinho grego próximo. Era mais fácil conhecer o não-grego do que definir quem era o grego ao lado e como se organizava.

## V - As intervenções atenienses (428-413 AEC)

As razões dos atenienses para intervir na Sicília.

Em Tucídides (III. 86) há uma explanação dos motivos que levaram os atenienses a começar a intervir militarmente na Sicília em 427 AEC, ainda sem a idéia de toma-la que só surgiria como proposta na assembleia 12 anos após as primeiras intervenções (Tud. VI. 8-9). Kagan (2006, p. 297-8) discorda desta idéia. Para ele, a última intervenção ateniense na Sicília não tinha as intenções nem as dimensões para tomar a ilha. Embora seus argumentos sejam sólidos, sou reticente quanto a abandonar a tese de que uma hegemonia era o objetivo ateniense na ilha. Especialmente na expedição de 415, concebida nos contornos da megalomania de Alcibíades.

### V.1. No contexto da lógica da guerra contra os peloponésios

A guerra aberta entre as simaquias ateniense e espartana já durava quatro anos quando a antiga rivalidade entre Siracusa e Leontinos fez com que esta última pedisse uma intervenção ateniense na Sicília (Tud. III. 86; BENJAMIN, 2006, cap. 2). Os atenienses enviaram para lá entre 10 a 30 trirremes durante três anos. Força usual de intervenção em muitos lugares do mundo grego onde Atenas interferia (Tud. I. 45-7, 50-2, 57; II.26, 68-9, 80, 83, 85-6, 92; III.7, 16, 86, 88, 91, 94, 105, 107, 114; IV. 25, 54, 75; V. 2, 84; VI. 7, 44, 105; VII. 5, 17-20, 23, 26; VIII. 30, 41).

Os sícelos, mesmo enfraquecidos após as lutas de Ducetius, 15 anos antes, se aliaram a Atenas e Leontinos (Tud. III. 103; BENJAMIN, 2006, cap. 2). Embora seja impossível determinar caso a caso, tribo ou grupo de indivíduos ou mesmo liderança sícela, se alguns se alinharam com Siracusa de moto próprio. Tucídides pouco fala sobre isto. E em todas as ocasiões que menciona os sícelos é como aliados dos atenienses (Tud. III. 103, 115; IV. 25; V.4). Quando menciona sícelos lutando junto com os siracusanos é para logo dizer que estavam “submetidos à força” e abandonaram Siracusa (III. 103). No discurso de Alcibíades ante a Assembléia em Atenas, na tentativa de obter aprovação para a grande expedição de 415 AEC, um dos argumentos

principais é que “numerosos bárbaros, por ódio aos siracusanos, não deixarão de juntar-se a nós para atacá-los” (Tud. VI. 17).

É interessante observar que dentre os embaixadores mandados para pleitear a causa de Leontinos em Atenas, estava Górgias, já famoso em sua cidade e que mais tarde ficaria conhecido como talentoso sofista no mundo grego, fixando-se em Atenas a partir de então. Esse foi o homem escolhido, dentre outros, para a missão de convencer Atenas a juntar-se a Leontinos contra Siracusa, e já mostra o empenho com que os Leontinos viam sua luta anti-siracusana.

Um efeito paralelo da vinda de Górgias a Atenas teria sido sua amizade com Tucídides, que aparenta ter absorvido várias lições de oratória e sofística demonstradas nos seus escritos (JAGUARIBE, p. XXIV, 1985; KURY, pp. XLI, XLV, 1985). Especialmente nos discursos antitéticos feitos para proposição e contraproposta serem igualmente convincentes e persuasivos, e oposições binárias neles expressas.

As menções de Tucídides às primeiras intervenções atenienses na Sicília após a chamada de Leontinos são esparsas (Tud. III. 86-87, 90, 99, 103, 115; IV. 1-2, 5, 24-25, 46-48, 53) nos cinco primeiros livros dos oito de sua obra. Mais ainda se comparamos com a detalhada descrição nos livros VI e VII, de apenas dois anos de guerra (415-13 AEC) dentre os 21 anos que aborda em seu texto<sup>89</sup>. No período coberto nestes dois livros a Sicília foi o foco das operações – ou pelo menos, foi o foco da obra de Tucídides. As esparsas menções das operações de atenienses e aliados na Sicília (427/424 AEC), anteriores à expedição ateniense de 415-13 não chamam tanto a atenção em meio aos eventos na Hélade. Portanto, Tucídides concentra o foco na Hélade, mesmo havendo expedições atenienses na Sicília no período 427-424, e muda o foco para a Sicília no período 415-13, mesmo havendo operações em outros cenários que não a Sicília nestes dois anos.

---

<sup>89</sup> A Guerra entre Peloponésios e Atenienses, título da obra de Tucídides traduzida e conhecida entre nós como História da Guerra do Peloponeso, cobre apenas 21 anos dos 27 que o conflito durou. Acredita-se que Tucídides não compôs seu trabalho além do 21º ano, inclusive supõe-se que o fechamento do oitavo e último livro seja espúrio, i.e., não redigido por Tucídides. Ele morreu apenas quatro anos após o fim do conflito que foi o objeto de sua obra, c. 400 AEC, podendo ser esse o motivo para tê-la deixado incompleta.

A Paz Geral na Sicília, em 424 AEC, emblematizada no discurso que Tucídides atribui a Hermócrates (III. 59-64) e já mencionada acima (pp. 53-4) deixou os conflitos na Sicília em suspenso, mais do que resolvidos. A disputa na Hélade também chegava a uma pausa, nos mesmos termos: latência, mais do que resolução. E poder-se-ia dizer que a retomada das disputas na Hélade provocou o mesmo na Sicília, mas foi mais que isso. Houve na Hélade alguns episódios mais sérios de choques entre as simaquias, após a Paz de Nícias, que encerrou os primeiros 10 anos de conflito, a Guerra Arquidâmica<sup>90</sup>. Estes episódios incluíram uma grande batalha em 420 AEC, na qual até os Argivos estiveram presentes – considerados como uma das três mais importantes *póleis* helênicas naquela época (KURY, 2001, p. 89, n. 2)<sup>91</sup> mas ausentes de política extra-pólis pelo menos desde 450 AEC, trinta anos antes.

A retomada geral da guerra entre espartanos e atenienses deu-se no cenário alternativo da Sicília afinal, ao invés da Hélade, cenário das maiores operações nos primeiros 10 anos de guerra e onde se situavam os principais beligerantes e iniciadores do conflito. A Guerra na Sicília, em 415-13 AEC deixou de ser um palco periférico do conflito maior e virou um palco central. A narrativa dos eventos sicilianos ocupa grande parte de dois livros dos oito que Tucídides escreveu.

Um detalhe importante: nas duas iniciativas - incluir Argos na guerra e tentar tomar a Sicília – o arquiteto político foi o jovem Alcibíades. Iniciativas tão criativas e pouco ortodoxas quanto malsucedidas. Os políticos experientes e os oradores poderiam dizer que era o tipo de movimento ou tirada anedótica que ninguém faz, por que apesar de belos, com uma aparência de força, assumiam enormes riscos de não levar a lugar algum. Riscos que acabaram por confirmar-se, afinal.

## V.2 – A grande campanha de 415-413

---

<sup>90</sup> De Arquídamos II, rei Euripôntida de Esparta, figura central do início da guerra. Embora morto em 427, no 4º ano, seu nome é atribuído aos primeiros dez anos da guerra. Sua postura foi de prudência e contrária ao conflito com os atenienses, chegando a ser acusado de conduzir as invasões da Ática com pouca energia e objetividade.

<sup>91</sup> E já teria sido a mais importante de todas (Hdt. I.1).

### V.2.1 – Antecedentes.

Pearson (1988, p. 95, n.11) lembra que João Tzetzes, historiador bizantino do século XII EC afirma que os atenienses – comandados por Diotimos (supostamente o Diotimos filho de Strômbicos citado em Tucídides como um dos enviados a Córçira em 433 AEC, episódio ligado ao início da Guerra do Peloponeso) – teriam visitado Neapolis/Nápoles durante uma missão ‘para combater os sícelos’.

Uma abordagem factível da expedição ateniense de 415-13 à Sicília é vê-la como reflexo das brigas político-faccionais dentro de Atenas. Nícias, grande proprietário rural e representante daqueles que mais tinham suas propriedades devastadas com a guerra, além de arcarem com mais impostos (Εισπηροα/Eisphora, taxação especial sobre as grandes propriedades em tempo de guerra), foi o articulador da trégua com Esparta que é conhecida pelo seu nome (Paz de Nícias) em 421 (Tud. V.16-24; KAGAN, 2006, 224-31, 233-8). Essa trégua encerrou um período de dez anos de choques contínuos entre as simaquias polarizadoras do mundo grego e seu sistema binário, período conhecido por Guerra Arquidâmica.

A trégua deveria durar 50 anos, mas precisamente Alcibíades – futuro arquiteto da Expedição à Sicília de 415 – fez todos os esforços para retomar a guerra e derrocar o tratado de paz com os Peloponésios. Em 420, Alcibíades costura uma aliança com o maior poder que já disputara a hegemonia do Peloponeso com Esparta, poder situado dentro do próprio Peloponeso: Argos.

Os Argivos, nos séculos VII e VI AEC, disputaram com Esparta a hegemonia regional dentro do Peloponeso – conhecido por ter as terras mais férteis da Grécia – e perderam várias batalhas, inclusive quase comprometendo sua existência política<sup>92</sup> quando seis mil de seus cidadãos morreram no desastre de Sepéia em 494 AEC. (Hdt. VI. 75, 78-80. VII. 178). A quantidade de mortos neste autêntico massacre equivalia a 2/3 do corpo de

---

<sup>92</sup> Político no sentido de Aristóteles (*Pol*, 1252a): sua capacidade de existir como uma comunidade – pólis – independente.

cidadãos argivos<sup>93</sup>. Esse despovoamento causado por guerras, no espaço de uma geração, pode ter sido a causa de Argos ter progressivamente perdido importância na luta pela hegemonia dentro do Peloponeso e se retirado de disputas externas, até – após novos insucessos – acertar uma paz de 30 anos com Esparta (450 AEC). Esta paz expirou em plena trégua da guerra entre Esparta e Atenas.

De volta ao século V e à Guerra do Peloponeso, Alcibíades não podia esperar melhor momento para conseguir um duplo objetivo: reavivar a guerra com Esparta e assim solapar as bases da condução da política ateniense pelos aristocratas de Nícias, chefe do ‘partido’ rival, num momento de aparente força. Descrito como dono de forte magnetismo pessoal (Tud. V. 43; VI. 15; Plut. *Alc.* 1, 10-13), elemento importante nos assuntos vis-à-vis da pólis, Alcibíades articulou larga aliança diplomática, trazendo Argos de volta à guerra contra o velho inimigo, desta vez com sua força somada à de Atenas.

A batalha que se seguiu, Mantinéia em 418 AEC, foi uma completa derrota para os atenienses, argivos e seus aliados, que arriscaram a difícil tarefa de enfrentar os espartanos em campo aberto e não estiveram à altura do risco, menos ainda da tarefa<sup>94</sup>. O primeiro grande teste político de Alcibíades no mundo políade falhara, mas seu estilo ditava: cobrir um insucesso com nova empreitada igualmente espalhafatosa.

### V.2.2 A assembléia e os preparativos para a expedição

Tucídides (VI. 37) não menciona as dimensões de Siracusa. Mas nos diz pela boca de Atenágoras, líder popular siracusano na época da invasão ateniense, que nem se os atenienses transportassem para a Sicília uma pólis

<sup>93</sup> Cleômenes, rei de Esparta no comando das operações ateou fogo a Uma caverna onde os argivos haviam se refugiado após o combate, no que alguns consideram um comportamento ‘pouco usual’ para comandantes gregos no período dos combates hoplíticos. (PAPAKYRIAKOU/ANAGNOSTOU, 2011). Uma explicação para tal fuga aos padrões pode ser devida ao embate político interno entre os reis de Esparta – recorrente naquela pólis – e que teria provocado o fracasso de uma expedição anterior de Cleômenes contra os Atenienses em 510 AEC, 15 anos antes. (HERITAGE HISTORY). Julgamos que tal lapso de tempo entre as duas expedições não permite uma justaposição de um sucesso a um fracasso militar prévio, com efeitos políticos aproveitáveis para aquele sucesso.

<sup>94</sup> Os Atenienses eram famosos por suas habilidades na Poliorcética – conquistar cidades em cercos. Problema de natureza completamente oposta à das batalhas em campo aberto, nas quais os espartanos eram os especialistas. (Tud. I. 102; Plut. *Cim.* 16-17)

do tamanho de Siracusa conseguiriam vencê-la. As dimensões de Siracusa eram citadas por Cícero (Ver. II. 4.117), mais de três séculos após a expedição ateniense.

Finley (1988, cap. 2, pp. 55-90), produziu um exame detalhado do problema da assembleia que decidiu pela expedição à Sicília. Em linhas gerais, concordamos com seus questionamentos: é difícil afirmar que a concordância na expedição foi açodada, ou que partia de 'ignorância' do povo ou manipulação pelos demagogos encarregados de preparar as propostas para votação pela assembléia. Ademais, Kagan (2006, p. 296), calcula que nas expedições anteriores à Sicília "Entre 427 e 424, pelo menos 12 mil homens da frota ateniense viajaram a Sicília e estiveram na ilha e arredores". E, portanto "Eles aprenderam muito sobre a ilha e a população locais e certamente repartiram seu conhecimento com parentes e amigos".

O ateniense era culturalmente acostumado a assembleias e embora episódios emocionais como o Julgamento dos Estrategos das Ilhas Arginusas em 406 AEC<sup>95</sup> pudessem acontecer, a decisão pela expedição à Sicília não se deu num momento em que Atenas estava acuada ou logo após uma grande derrota. Não. A decisão seguiu muito as linhas gerais do que o discurso periclino/tucididiano (II, 40-41) diz dos atenienses. Ali, eles são descritos como 'ousados para agir'. Não nos parece ter sido uma decisão que fuja ao perfil ateniense, de homens empreendedores e detentores da hegemonia no difícil mundo póliade, onde centenas de *póleis* coexistiam nem sempre amigavelmente e algumas disputavam a primazia numa área de apenas 23 mil km<sup>2</sup> – equivalente a pouco mais que o estado de Sergipe, o menor estado brasileiro.

---

<sup>95</sup> Em 406 AEC, em uma batalha vitoriosa contra a frota peloponésia, os atenienses afundaram 80 trirremes do inimigo mas perderam 25 das suas. Uma tempestade impediu que os naufragos e os mortos fossem resgatados, coisas importantes para os gregos – os mortos insepultos perseguiram os vivos e causavam-lhes males (BENJAMIN, 2006, cap. 2). Seis dos 10 estrategos daquele ano, presentes em Atenas no momento em que a Assembleia decidiu pelo julgamento do desempenho dos generais foram condenados à morte e executados. Pouco após a execução ouviu-se clamor geral pelas ruas da cidade e aparentemente, mesmo os que votaram pela execução arrependeram-se de sua decisão anterior. A descrição está em Xenofonte (I. 7). O clima de histeria, também destacado por Xenofonte, começa antes mesmo do arrependimento dos cidadãos. Julgar os estrategos por erros cometidos em uma vitória, nem ao menos uma derrota, e aplicar pena de morte quando havia outras mais brandas mostra como andava o clima político entre os atenienses próximo ao final da guerra, dois anos depois.

A Assembléia ateniense decidiu afinal enviar 60 naus e 5 mil hoplitas. Kagan (2006, pp. 297-8) questiona, porém, se a intenção dos atenienses era mesmo a conquista. E usa dois argumentos: primeiro, ele não acredita que fosse possível conquistar a Sicília com esse número de naus, ainda que fosse uma força considerável. Segundo Kagan, em 424 AEC – último ano de intervenção ateniense na Sicília – Atenas já enviara o mesmo número de naus sem nenhuma intenção manifesta de conquista. A observação de Kagan é arguta, pois ele somou o número de naus enviadas no início daquele ano 20 naus, mencionado em Tucídides (III. 86) com o número de naus – 40 – pedidas como acréscimo pelos aliados atenienses às naus que já estavam lá (III. 115). Lembro, porém, que não havia marinha à altura na Sicília neste período. Tucídides explica no início de sua obra (I. 36) que havia apenas três marinhas “dignas de menção” no mundo grego: eram a ateniense, a coríntia e a corcíresa. Todas na Hélade. O diferencial das expedições anteriores para a expedição de 415 AEC portanto, não eram as naus, mas o número de hoplitas, primeiro 5 mil, acrescidos depois de mais 3 mil. Em nenhum lugar Atenas empregou tantas forças terrestres quanto nas operações da Sicília. E os hoplitas eram apenas o *core* das forças, havendo ainda muito mais milhares de forças leves, como peltastas. Por isto ainda prefiro a tese de que o objetivo da expedição de 415 era a conquista da Sicília. Não se leva tamanha força terrestre se o objetivo não for a conquista e a manutenção do ganho.

Ao mesmo tempo em Tucídides (III. 86) é mencionado que em 424 os atenienses pretendiam fazer uma prospecção sobre as perspectivas de dominar a Sicília. Só que Tucídides não deixa claro como isto foi decidido, nem quem decidiu. Portanto, a nova expedição de 415 não era a maior que já fora mandada para a Sicília, mas a maior em número de naus e hoplitas mandados simultaneamente. Talvez com recursos insuficientes para a conquista, mas certamente com o “escopo de seus objetivos ampliados” como KAGAN (2006, pp. 297-8) admite.

### V.3 – A dinâmica da invasão e os sícelos

Visão étnico-política de Tucídides – (GRAHAM, 1964, p.183 – especialmente, o “choque para suas idéias”; p. 207-217). Para Graham, o

choque era decorrente do fato de que o que cimentava a união de *póleis* fundadoras com seus povoamentos eram cerimônias religiosas. Cautela aqui, pois Tucídides não era muito afeito a explicações religiosas.

No discurso atribuído a Nícias, que citamos anteriormente<sup>96</sup>, Tucídides (VI. 20) revela um pouco de sua concepção étnico-política, de como ela guiou sua visão da guerra na Sicília: “O número de cidades helênicas lá é grande para uma única ilha; com efeito, além de Naxos e Catana, que espero ver alinhadas conosco por causa de seus laços étnicos com os leontinos”.

Kagan (2006, p. 297-8) questiona porém, se a intenção dos atenienses era mesmo a conquista. E usa dois argumentos: o tamanho da expedição não era maior que da última vez em que os atenienses estiveram na Sicília, pré-Congresso de Gela. E Kagan diz que claramente a intenção dos atenienses não era conquistar, mas atender compromissos pactuados com aliados e protegê-los para que Atenas fosse vista como ‘o fiel da balança’ na ilha.

A expedição ateniense de 415-13 se decidiu em praticamente duas batalhas terrestres e duas navais. O chamado aos sícelos para combaterem Siracusa decorria do conhecimento que os atenienses tinham da situação política da ilha, especialmente das relações de Siracusa com os nativos que viviam em seu entorno e mesmo na sua *khóra*.

Tendo em vista os antecedentes citados – os *kyllirioi* e sua mistura com os sícelos, Kale Acte e Ducetius, a morte de comandantes siracusanos e gelanos em combates com os sícelos, é fácil concluir a aliança natural com os sícelos de qualquer poder que avançasse contra Siracusa. O relato tucidiano completa esse cálculo de maneira satisfatória, mostrando que havia proximidade entre os siracusanos e alguns sícelos. Tucídides diz (VI. 48) que Alcíbiades aconselhou despachar mensageiros para entre outras coisas, “afastar alguns sícelos dos siracusanos e conquistar a amizade de outros”. O poderio siracusano era grande, mas teve contra si as forças consideráveis de Atenas, siceliotas de origem jônia e a alegada aliança das tribos sícelas.

---

<sup>96</sup> P. 46

## Conclusão

Pode parecer pretensioso concluir coisas sobre temas pioneiros e/ou controversos como os que abordamos neste texto: identidades não são grandezas físicas, variam e quase sempre são múltiplas em um mesmo indivíduo, sendo frequentemente contraditórias. Assim, esclareço logo que a conclusão reflete mais nossa pesquisa do que nosso objeto, embora também o tangencie. O aviso é dado para evitar que o que se segue seja lido com alguma intenção de dar contornos definitivos a problemas que pensamos não serão fechados algum dia próximo, se é que o serão.

Os alinhamentos étnico-políticos de Tucídides dizem que: a) Os jônios da Sicília teriam uma tendência a aliar-se aos atenienses enquanto os dórios formariam com Siracusa (Tud. VI. 20) e b) Atenienses e aliados jônios seriam mais propensos a fazer alianças com os sícelos.

Pode haver várias explicações para isso, por exemplo, os antecedentes étnico-políticos de Siracusa, *hegemón* siciliana, e rival de Atenas. Conforme destacamos anteriormente (pp. 66, 69-70) e também lemos em Tucídides (VI. 20) e BENJAMIN (2006, cap. 2). Mas também somos levados a perguntar: embora as situações de atrito gregos x sícelos tenham existido tanto nas áreas de povoamento jônio quanto nas povoadas por dórios, por que especificamente a política siracusana e dória em geral aparentemente mostrou-se mais hostil aos sícelos? Algumas hipóteses: a) vício do relato Tucidídiano b) histórico local c) a hipótese do jônio miscigenado de Bernal.

Para efeito de percepção das relações e propaganda de guerra, o relato tucidídiano não serve: muito provavelmente fora concluído após a queda de Atenas em 404 AEC<sup>97</sup>. Porém poderia ainda servir visando a futuros realinhamentos: denegrir a imagem dos migrantes dórios visando a uma recomposição futura. Afinal, menos de 10 anos após a queda de Atenas, o mundo grego estava conflagrado de novo na Guerra de Corinto, apenas a

---

<sup>97</sup> Concluído em parte, como frisamos anteriormente, pois não abarca a totalidade da guerra. Tucídides sobreviveu à guerra apenas quatro anos, era um exilado, não tinha mais a menor simpatia pela Democracia ateniense – se é que já tiver um dia, fora no tempo de Péricles, morto em 429 AEC, 2º ano da guerra. A obra de Tucídides parece perguntar como Atenas decaiu até perder tudo e tenta responder culpando a má governança do Demos após Péricles.

seguinte de muitas hostilidades entre gregos pelas próximas décadas. Ainda assim, Tucídides não é o único a destacar a situação conflituosa da Siracusa dória com os sícelos, abordagem também lida em Diodoro Sículo, por exemplo.

O histórico local das relações certamente influenciou tomadas de decisão diretas, mas o vemos como um capítulo de uma história com antecedentes, bem mais longa. E a explicação plausível, os possíveis antecedentes encontramos em Bernal quando diz que há muitos indícios de prévia migração fenícia para a Grécia e que provavelmente essas relações teriam sido predominantes nas áreas que mais tarde seriam as da presença jônia.

O Hilotismo de Esparta também depõe contra os dórios terem afinidades com a alteridade. Não é difícil estabelecer um padrão entre os hilotas de Esparta e os *killyrioi* de Siracusa<sup>98</sup>. O tratamento talvez não fosse o mesmo, em Siracusa havendo apresamento ocasional e repulsão dos sícelos livres com o ápice do atrito sendo as guerras de Ducetius e a aliança sícela aos atenienses, elemento alienígena. Ainda assim o padrão de exclusão e delimitação étnica nos parece semelhante tanto para os dórios mais proeminentes da Hélade quanto para os dórios mais proeminentes da Sicília.

Uma digressão importante aqui sobre Dórios e Jônios: referimo-nos a eles conforme o relato tucididiano, não conforme Karl Ottfried Muller e outras crenças gratuitas, nesta divisão que tem suas porosidades. Mas é importante notar como os padrões de comportamento de determinados grupos de gregos na Hélade – que podem ou não ser grupos étnicos, discussão longa demais para os objetivos deste texto – são reproduzidos com muitas semelhanças pelos seus migrantes na Sicília.

Confrontado isto com as teses de Bernal, é possível que os jônios, já miscigenados desde as etapas de ‘formação’ da Hélade, fossem mais abertos à convivência e aliança com povos não gregos. Estamos falando de tendências, pois houve casos pontuais de sícelos aliando-se a siracusanos, e a

---

<sup>98</sup> Ainda que Siracusa tenha sido povoamento de Corinto, cidade com bem mais relações com outros povos, dada sua atividade náutica, e não povoamento iniciado por Esparta.

dórios, embora contratos de turmas de mercenários não significassem o mesmo que uma aliança. E mesmo neste caso, a afinidade ou a rivalidade étnicas podiam facilitar/dificultar um acordo viável ou a confiança entre as partes.

A identidade Siciliana, mais que Siceliota ou Sícela, nos parece ser mencionada pela primeira vez no discurso de Hermócrates, reafirmada após o advento de Ducetius, e finalmente expressa em Timeu, que procurava relevar em tudo a Sicília, mais do que a Hélade, sendo bastante criticado por isso. Some-se a isso a própria conclusão de Shepherd acerca dos cemitérios na área Greco-sícela, que mencionamos anteriormente (pp. 30-31).

Ducetius, que por ter sublevado os sícelos poderia ter caminhado em sentido contrário ao da afirmação de uma identidade Greco-sícela ou siciliana comum, para além do mundo grego, já se mostra como uma personagem bastante helenizada da política grega com largo trânsito entre as *póleis*, até mesmo na Hélade (vide seu exílio temporário em Corinto, de onde, aliás, sairia de retorno à Sicília). Pode, apesar de não ter deixado nada escrito, ter contribuído decisivamente para o aparamento das arestas entre as culturas, ainda que tal procedimento possa ter se dado somente para evitar nova revolta daquela envergadura. Que, aliás, não voltam mais a ser mencionadas em tal porte ou com caráter 'sícelo'<sup>99</sup>. Do século V ao III AEC vemos a reafirmação progressiva do que poderíamos chamar de discurso da identidade siciliana.

Uma hipótese de tal envergadura não será alcançada no lapso de tempo da vida deste ensaísta. O tempo dirá, assim como pesquisas de maior fôlego, mais recursos, pesquisadores mais argutos e dedicados, o grau de acuidade de nossas elaborações. Para as minhas próprias expectativas, entreguei muito menos do que prometi. Mas espero ao final ter entregue alguma coisa que venha somar para estudos posteriores.

---

<sup>99</sup> Aparentemente as próximas grandes revoltas na Sicília, já foram contra o domínio romano, não tinham mais um caráter nativo ou 'étnico'.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

BS: Neste texto escolhemos nossas referências conforme dois critérios:

1 - O que podíamos encontrar de melhor de acordo com nossas possibilidades, pois que esta pesquisa foi feita na quase totalidade com recursos próprios. Assim, muito do que utilizamos estava disponível online. Demos preferência a este tipo de material também por fazermos parte da corrente que tenta mostrar as possibilidades que o mundo de hoje dá para o pensamento e a pesquisa acadêmicos.

2 – Critério da pluralidade de vozes: como não cremos em verdades universais ou finalizações conceituais últimas sobre aspectos tão complexos quanto relações humanas entre culturas perdidas há séculos ou milênios, nem todos os autores utilizados seguem pensamentos que secundaríamos ou teses que assinaríamos. É interessante ver surgir um mosaico de estudos e opiniões sobre os temas abordados.

### FONTES PRIMÁRIAS

ARISTÓTELES. Política. São Paulo: Ediouro, 1991.

CÍCERO. Verrines in *The Orations of Marcus Tullius Cicero*. London: George Bell and Sons, 1903.

DIODORO SÍCULO. Diodorus Siculus. Library of History. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1935.

DIONÍSIO DE HALICARNASSO. Dyonisius, On Thucydides. USA, New York, NY: Cornell University Press, 1931.

ESTRABÃO. The Geography of Strabo. London: George Bell & Sons, 1903.

HERÓDOTO. Clássicos Jackson. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc., 1950.

HOMERO. Odisséia – Versão para e-book. Ebooks Brasil, Brasil, 2009. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/odisseiap.pdf>. Acesso em: 25 ago. 2014.

PLATÃO. Plato in Twelve Volumes – Vols. 10 & 11, translated by R.G. Bury. Cambridge, MA, Harvard University Press, 1968.

POLÍBIO. Historia. Brasília: Ed UNB, 1986.

PLUTARCO. Vidas Paralelas. São Paulo: Ed. Paumape, 1992.

\_\_\_\_\_. Moralia. London: Little, Brown and Sons, 1878.

SÊNECA. L. Annaeus Seneca. Moral Essays: volume 2. John W. Basore. London and New York: Heinemann, 1932.

TIMEU Timaeus in JACOBY: Die Fragmenta der grieschichen Historiker. Leiden, Netherlands: Koninklijke Brill, 1999.

TITO LÍVIO. História de Roma ab Urbe Condita. São Paulo: Ed. Paumape, 1992.

TUCÍDIDES. História da Guerra do Peloponeso. Jaguaribe, Hélio; Kury, Mário G. História da Guerra do Peloponeso. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.

XENOFONTE. Jenofonte, Helenicas. Madrid: Ed. Gredos, 1985

## DEMAIS REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(CAPÍTULOS DE LIVROS, FILMES, LIVROS, PERIÓDICOS, SITES).

ANKERSMITH, Franklin R. A escrita da história: a natureza da representação histórica. Londrina: Eduel, 2012.

ANTONACCIO, C. M. Ethnicity and Colonization in: Malkinx, I. **Ethnic Constructs in Antiquity**: The Role of Power and Tradition. USA, Cambridge, 2001: 113-57.

AUDOUZE, Françoise; LEROI-GOURHAN, Andre. FRANCE: A Continental Insularity, in: **World Archaeology**, Vol. 13, No. 2. Regional Traditions of Archaeological Research I, 1981, p. 170-189.

BARON, Christopher A. Timaeus of Tauromenium and Hellenistic Historiography. USA, Indiana: Notre Dame University Press, 2013.

BENJAMIN, Sandra. Sicily: three thousand years of human history. USA, NH, Hanover: Steeforth Press, 2006.

BÉRARD: La colonisation grecque de l'Italie meridionale et de la Sidle dans l'antiquité, 2nd edition, Paris: Presses Universitaires de France, 1957.

BERGER, Shlomo. Revolution and society in Greek Sicily and Southern Italy. Stuttgart: Franz Steiner Verlag, 1992.

BERNAL, Martin. The Black Athena: New Brunswick, USA: Rutgers University, Press, 1991.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla B. **Fontes Históricas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

CAMPOS, Carlos E.C. A Estrutura de atitudes e referências do Imperialismo Romano em Sagunto: (II a.C - I d.C.). CreateSpace Independent Publishing Platform, 2013.

CHIALVA, Ivana “Como una tragédia”: História e Páthos en las vidas de Nicias y Craso de Plutarco in: CERQUEIRA e SILVA, (Orgs.). **Ensaio sobre Plutarco – Leituras Latino-Americanas**. Pelotas: Ed. UFPel, 2010. p. 149-178.

CONTE, Gian B. Genres and Readers: Lucretius, Love Elegy, Pliny's Encyclopedia. London: Johns Hopkins Univ. Press, 1994.

DESCOEUDRES, Jean-Paul. Central Greece on the eve of the colonization movement In: Tsetskhladze (Ed.). **Greek colonisation an account of Greek colonies and other settlements overseas**, volume two. Leiden/Boston: Brill, 2008. p. 289-382.

DOMÍNGUEZ, Adolfo. J. Hellenic identity and Greek colonization in: **Ancient West & East**, vol. 4, no. 2. Netherlands, Leiden: Koninklijke Brill, p. 444-457, 2006.

DUNBABIN, Thomas J. The Western Greeks: The History of Sicily and South Italy from the Foundation of the Greek Colonies to 480 B.C. Oxford: Clarendon Press, 1948.

FINLEY, Moses. Aspectos da antiguidade. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1960.

\_\_\_\_\_. Democracia antiga e moderna. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. Uso e abuso da História. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1989.

GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas, sinais. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2003.

GRAHAM, Alexander. Colony and Mother City. New York, USA: Barnes & Noble, 1964.

\_\_\_\_\_.The Colonial Expansion of Greece in: **Cambridge Ancient History** III.32. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1982. p. 83–162.

\_\_\_\_\_.Pre-colonial contacts: questions and problems, in: Descoedres, J.-P. (Ed.) **Greek colonists and native populations**. Oxford: Clarendon Press, 1990.

\_\_\_\_\_.Patterns in Early Greek Colonization In: Graham, **Collected Papers on Greek Colonization**. Leiden/Boston/Cologne: Brill, 2001. p. 1–23.

GROTE, George. History of Greece. London, Ed. J. Murray, 1862.

HALL, Jonathan. Ethnic identity in Greek antiquity. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

\_\_\_\_\_.Hellenicity: between ethnicity and culture. Chicago: Chicago University Press, 2005.

\_\_\_\_\_.Foundation Stories, In: Tsetskhladze (Ed.).**Greek colonisation an account of Greek colonies and other settlements overseas**, volume two. Leiden/Boston: Brill, 2008. p. 383-426.

HANSON, Victor D. The western way of war: infantry battle in Classical Greece. Berkeley: University of California Press, 2000.

HARTOG, François. O espelho de Heródoto. Trad. Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: editora da UFMG, 1999.

HIRATA, Elaine. Território e identidade em sítios de ocupação grega na Sicília: desenhando um projeto de pesquisa in: Zierer e Vieira (ORGs). **História Antiga e Medieval – Viagens e viajantes**: cultura, imaginário e espacialidade. São Luís: Ed. UEMA, 2012. p. 155-168.

HOLLOWAY, R.R. Italy and the Aegean 3000–700 B.C. Archaeologia transatlantica 1 - Louvain-la-Neuve, 1981.

KAGAN, Donald. A guerra do Peloponeso. Rio de Janeiro: Record, 2006.

LE GOFF, Jacques. History and memory. USA, Columbia: Columbia University Press, 1996.

LORAUX, Nicole. A invenção de Atenas. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

MARANHÃO, Marcello de A. Middle-Range Theory em Tucídides. Paper para a disciplina Arqueologia I. Pelotas, 2013.

MARINCOLA, John. Genre, Convention and Innovation in Greco-Roman Historiography in: Marincola, J. *Authority and Tradition in ancient historiography*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1994.

\_\_\_\_\_. A Companion to Greek and Roman Historiography, USA, Hoboken: Wiley-Blackwell, 2011.

MATTINGLY, David. Cultural Crossovers: Global and Local Identities in the classical world in: Hales, S. Hodos, T. **Material culture and social identity in the ancient world**. Cambridge, NY: Cambridge Univ. Press, 2010.

MICHELS, Robert. Sociologia dos partidos políticos. Brasília: UNB, 1982.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Essays in ancient and modern Historiography. Middletown: Wesleyan University Press, 1977.

\_\_\_\_\_. The classical foundations of modern Historiography. London, England: University of California Press, 1990.

\_\_\_\_\_. The development of Greek biography. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

NICOLAI, Roberto. La poesia epica come documento. L'esegesi di Omero da Ecateo a Tucídide in: Biraschi et al. (eds.), **L'uso dei documenti nella storiografia antica**, Napoli, 2003: 81–109.

\_\_\_\_\_. The Place of History in the Ancient World in: Marincola et al. USA, Hoboken: Wiley-Blackwell, 2011.

OSBORNE, Robin. 'Early Greek Colonization? The Nature of Greek Settlement in the West' In: Fisher, N. and van Wees, H. (eds.), **Archaic Greece: New Approaches and New Evidence**. London, 1998: 251–69.

PAPAKYRIAKOU/ANAGNOSTOU. History of Argos. Disponível em [http://www.sikyon.com/Argos/history\\_eg.html](http://www.sikyon.com/Argos/history_eg.html), 2011. Acesso em: 21 nov. 2013

PEARSON, Lionel. The Greek Historians of the West. New York: Oxford University Press, 1988.

RAWLINSON, George. The History of Herodotus, Vol I, D. Appleton and Co., New York, USA, 1859.

RICOEUR, Paul. A Representação Historiadora. In: **História, Memória e Esquecimento**. Campinas: Ed. Unicamp, 2007. p. 246-285.

SAÏD, Suzanne. Mith and Historiography in: Marincola et alli. USA, Hoboken: Wiley-Blackwell, 2011: cap. 6 [format kindle]

SAKELLARIOU, Michael B. Between memory and oblivion – The transmission of early Greek historical traditions. Athens and Paris: National Hellenic Research Foundation/de Boccard, 1990.

SARTRE, Jean-Paul in: ASTRUC, Alexandre e CONTAT, Michel (Dirs.). Sartre par lui même. França, 1976.

SAVOCCHIA, Louise. The Deinomenids of Sicily: The Appearance and Representation of a Greek Dynastic Tyranny in the Western Colonies, *Open Access Dissertations and Theses*. Paper 7402, 2012.

SCHEPENS, Guido. History and Historia: Inquiry in the Greek Historians in: Marincola et alli. **Greek and Roman historiography**: USA, Hoboken: Wiley-Blackwell, 2011. Cap. 3 [formato kindle]

SHEPHERD, Giles. Dead men tell no tales: ethnic diversity in sicilian colonies and the evidence of the cemeteries. **Oxford Journal of Archeology**. Oxford, England: Blackwell Publishing, p. 115-136, 2005.

SILVA, Maria Aparecida O. Plutarco e Roma: o mundo grego no império. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2007.

SNODGRASS, Anthony M. Archaeology, In: Crawford, M.H. (ed.), **Sources for Ancient History**. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1983. p. 137–84.

\_\_\_\_\_. An Archaeology of Greece: The Present State and Future Scope of a Discipline. Berkeley, Los Angeles: Univ. of California Press, 1987.

\_\_\_\_\_. The Nature and Standing of the Early Western Colonies. In Tsetskhladze, G. R. and De Angelis, F. **The Archaeology of Greek colonization**, 1994: 1–10.

SYMONDS, John. Remarks upon an essay entitled the History of the Colonization of the Free States of Antiquity, applied to the present contest between Great Britain and her American Colonies. London: John Nichols Printing, 1778.

TSETSKHLADZE, G.R. and De Angelis, F. (Eds.). The Archaeology of Greek Colonisation: Essays Dedicated to Sir John Boardman. Oxford: Oxford School of Archaeology press, 1994.

VATTUONE, Riccardo. Western Greek Historiography in: Marincola et alli. **Greek and Roman historiography USA**, Hoboken: Wiley-Blackwell, 2011. Cap. 15 [format kindle]

VERDAN, S: 'Un nouveau navire géométrique à Erétrie'. **AntKunst** 49, 2006: 97–106.

WALBANK, Frank W. Polybius. Berkeley, Los Angeles, London: UC Press, 1990.

WATSON, Patty Jo. Processualism and After in: Bentley, A.; Maschner, H. D. G. and Chippindale, C. (Orgs.), *Handbook of Archaeological Theories*, Lanham, MD, USA: Altamira Press, 2009: p. 29-37.

#### SITES DE APOIO E CONSULTA

<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/> - LABECA – USP (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga)

<http://www.historyofwar.org/index.html>

[\[history.com/www/heritage.php?Dir=wars&FileName=wars\\\_sparta.php\]\(http://www.heritage-history.com/www/heritage.php?Dir=wars&FileName=wars\_sparta.php\)](http://www.heritage-</a></p></div><div data-bbox=)

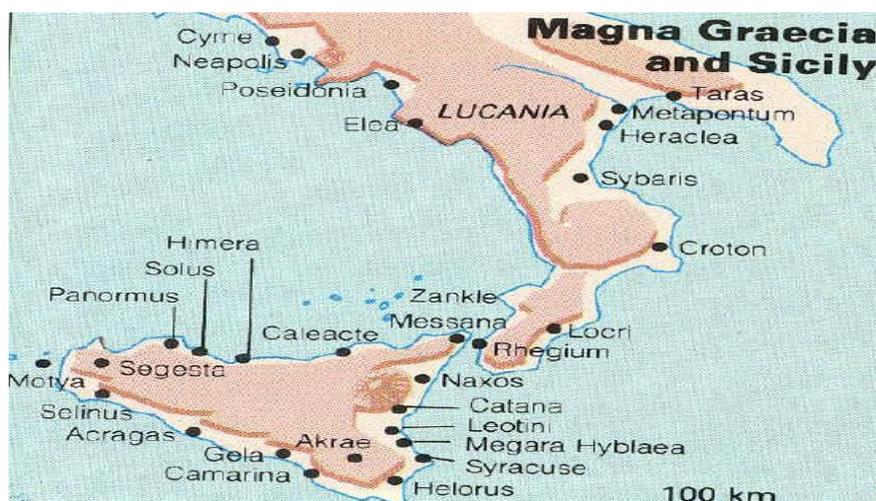
<http://www.isamg.it/pubblicazioniatticonvegno.html>

<http://periklisdelligiannis.wordpress.com/2014/08/27/a-small-sparta-far-away-from-greece-the-aeolian-liparian-islands/>



### 3 – Áreas de ocupação grega Sicília e Magna Grécia

Interessante mapa com os povoamentos gregos nas duas regiões, e que procura demonstrar que os gregos não avançaram muito para o interior. Na página online diz que era por serem ‘comerciantes, não agricultores’. Embora obviamente isto não descarte que também praticavam a agricultura, produzindo até mais que na Grécia Heládica e que algumas *póleis* se tornaram importantes precisamente por causa de sua produção agrícola ainda sob os gregos.



4 – Mapa com os principais povoamentos gregos na Sicília e Magna Grécia, e Egesta/Segesta (povoamento Elimieu).

